

Ana Clara Cartagena Reis

O Caráter Histórico e a Dificuldade de Entrega na Sociedade Contemporânea

Pontifícia Universidade Católica
São Paulo
2007

Ana Clara Cartagena Reis

O Caráter Histérico e a Dificuldade de Entrega na Sociedade Contemporânea

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Profa. Dra. Flavia Hime

Pontifícia Universidade Católica
São Paulo
2007

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar ao meu pai que foi a primeira pessoa a me apoiar e a me dar força para fazer psicologia.

Agradeço ao Edson que esteve ao meu lado durante todo esse percurso.

Agradeço a minha mãe que no começo ficou um pouco decepcionada por eu deixar de fazer medicina para fazer psicologia, mas depois acabou se convencendo de que foi a melhor coisa que eu fiz.

Agradeço aos meus pais, agora os dois juntos, acredito que ser pais de psicólogos não é algo muito fácil, algumas vezes nos tornamos mais compreensivos, mas em outras fazemos com que eles olhem para coisas que eles querem esquecer.

Agradeço as minhas amigas que compartilharam esta etapa comigo. Dividiram os medos, a ansiedade, as angústias, as tristezas, a felicidade e o alívio quando tudo isto acaba.

Agradeço as minhas amigas que compartilharam indiretamente, mas me ouviram falar horas de psicologia, com muita paciência, mesmo sem entender absolutamente nada do que eu estava falando.

Agradeço minha irmã, meu primo e a Lia que dividiram apartamento por um ano, com uma pessoa dramática, enrolada e ansiosa por causa do TCC, mas souberam lidar muito bem com isso.

Agradeço a participante, por dividir suas histórias e suas vivências de um modo que pode contribuir ainda mais para o desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço a Flávia que teve paciência e compreensão para lidar com os momentos que eu “empacava” e foi fundamental para que eu pudesse conseguir escrever.

Agradeço ao Cláudio e a Luiza que me ajudaram muito em um momento que eu estava me sentindo sozinha no meio de tantos livros e pouca experiência, e puderam clarear o meu caminho.

Agradeço as minhas próprias questões pessoais que despertaram meu interesse para este tema.

Ana Clara Cartagena Reis: O caráter histórico e os valores sociais contemporâneos, 2007

Orientador: Profa. Dra. Flavia Hime

Palavras chave: caráter histórico, sociedade, relacionamentos

Ciências Humanas, Psicologia 7.07.00.00-1, Estados Subjetivos e Emoção 7.07.02.04-7

Resumo

Este trabalho visa por meio de um estudo de caso, verificar as intersecções entre a construção do caráter histórico na mulher e as influências do contexto social na contemporaneidade. Apesar destas reflexões não esgotarem a complexidade do tema, a pesquisa qualitativa é a mais adequada ao nosso propósito, pois proporciona a compreensão da dinâmica de uma mulher e de uma possibilidade de vivência do feminino e suas relações na atualidade. A participante foi escolhida através de um critério em que ela deveria ter mais de trinta e cinco anos, pois assim teria suficiente história de vida e relacionamentos para relatar, pertencente à camada média ou média alta urbana, pois esta é uma classe formadora de opinião, ser diagnosticada como uma mulher de caráter histórico, de acordo com a teoria de Lowen, por mais de um profissional.

Para realização do trabalho foi feita uma entrevista autobiográfica em que a participante citou os fatos e as pessoas mais significativas de sua vida. Para introduzir a entrevista foi utilizada uma linha da vida, onde ela marcou os principais acontecimentos de sua vida. A entrevista foi transcrita na íntegra incluindo os comportamentos não verbais e as impressões da entrevistadora. A partir deste material foi feita uma reflexão utilizando-se duas vertentes: os relacionamentos de uma mulher de caráter histórico e os valores sociais contemporâneos. Observou-se que a forma de se relacionar do caráter histórico está intimamente ligada aos valores sociais. As mudanças na sociedade ao longo dos anos se refletiram nestas mulheres, pois os valores servem como guia de seus comportamentos.

Sumário

Introdução	2
I Histórico.....	5
II Valores Sociais Contemporâneos	13
III Pressupostos Teóricos.....	17
IV Metodologia	23
Método.....	23
Participante	24
Procedimento	24
V Resultados.....	25
VI Análise dos dados e Discussão de Resultados	52
VII Conclusão	61
VIII Considerações Finais	64
Referências Bibliográficas	65
Anexos.....	2

Introdução

A idéia do presente trabalho surgiu a partir do meu interesse pessoal em entender um pouco melhor a dinâmica dos relacionamentos amorosos de hoje e me aprofundar no conhecimento da abordagem reichiana no decorrer de um curso extracurricular que eu fiz paralelamente à faculdade, onde pude conhecer mais de perto a complexidade da teoria de W. Reich. Este autor sempre se pautou por reconhecer o fenômeno humano como uma resultante de forças biopsicossociais (Wagner, 2007, no prelo¹).

Reich entrou em contato com as teorias psicanalíticas durante a faculdade de medicina em Viena, e pôde encontrar na psicanálise a fundamentação teórica para suas idéias de que a sexualidade era fundamental para o funcionamento humano, o que fez com que ele se aproximasse de Freud e sua teoria (Wagner, 2007, no prelo).

Durante seu trabalho na Associação Internacional de Psicanálise Reich foi percebendo que ao mesmo tempo em que seus pacientes relatavam suas experiências emocionais muitas expressões corporais aconteciam concomitantemente, o que permitiu que ele estabelecesse muitas relações entre a forma e o conteúdo que seus pacientes expressavam (Wagner, 2007, no prelo).

O conceito de caráter sempre ocupou lugar central nas teorias de Reich: o caráter é fruto de uma multideterminação biológica (qualquer experiência humana só é possível a partir do funcionamento fisiológico), psicológica (o caráter se estrutura no ego) e sociológica (as regras, normas e valores fornecem os modelos comportamentais de cada sociedade). O caráter é a forma de pensar, agir, andar, gesticular de cada um. É fruto de um conflito entre as demandas internas do sujeito e as exigências do meio em que vive. O acúmulo destes conflitos leva a uma cronicidade e rigidez da couraça (Wagner, 2007, no prelo).

A couraça é o correspondente corporal do caráter, são as tensões musculares crônicas, dispostas em feixes transversais, que estão localizados nos olhos, na boca, no pescoço, no tórax, no diafragma, no abdômen e na pelve (Wagner, 2007, no prelo).

Para Reich os tipos caracteriais são moldados a partir da cultura: cada sociedade produz seus tipos necessários para que ela se mantenha, por isto não é universal, é próprio de cada cultura. Entretanto a localização dos anéis da couraça muscular é

¹ Foi cedido um capítulo pelo próprio autor, que não consta nas referencias bibliográficas porque está no prelo.

permanente: o que varia de acordo com o tempo e espaço é a intensidade e o significado de cada encouraçamento (Wagner, 2007, no pelo).

Um dos caracteres descritos como possíveis para Reich, que poderá ser melhor compreendido após a leitura do capítulo três, é o caráter histérico, que tem o ego fixo na função genital, e se desenvolve em mulheres. Mais tarde este caráter foi mais bem descrito por um de seus pacientes, Alexander Lowen, que desenvolveu sua própria técnica analítica baseado nas idéias de Reich, posteriormente nomeada Bioenergética (Hilton, 2006). Reich faz uma definição caracterológica mais descritiva, baseado na função (Silva, 2001), enquanto Lowen se concentra na estrutura, criando sua tipologia caracterológica, relacionando as dinâmicas físicas e psicológicas típicas do comportamento (Lowen, 1982).

A principal característica desse caráter é a incapacidade de ter sentimentos ternos e desejo sexual em relação à mesma pessoa (Lowen, 1977). Para estas mulheres o envolvimento emocional profundo é ameaçador, o que pode gerar muita angústia.

O corpo é rígido e sedutor, o queixo é duro, o pescoço ereto, a pélvis é retraída e flácida. Caracteriza-se pelo comportamento sexual óbvio inconsciente. A histérica não reconhece tais características de seu comportamento.

As mulheres históricas de hoje não tem mais tanto medo da sexualidade como as contemporâneas de Freud e Reich; eram sonhadoras e românticas. As mulheres conquistaram uma maior liberdade sexual, sendo assim atualmente não se têm tanto medo das relações sexuais quanto se têm de um envolvimento profundo (Lowen, 1977).

Tendo em vista a importância da sociedade na constituição do caráter, torna-se importante entender um pouco melhor a dinâmica da sociedade para melhor compreender a constituição da subjetividade. Por isto nos capítulos um e dois enfoqui a influência dos valores sociais na vida da mulher desde a pré-história, para melhor situar os futuros leitores, até a contemporaneidade, onde se contextualiza a pesquisa.

Nos dias de hoje

“Nasce toda uma cultura hedonista e psicologista que incita à satisfação imediata das necessidades, estimula a urgência dos prazeres, enaltece o florescimento pessoal, coloca no pedestal o paraíso do bem-estar, do conforto e do lazer. Consumir sem esperar; viajar, divertir-se; não renunciar a nada: as políticas do futuro

radiante foram sucedidas pelo consumo como promessa de um futuro eufórico” (Lipovetsky, 2005, p.61).

Diante de um futuro tão incerto passa a ser difícil pensar em investir em relações estáveis, fazer planos a longo prazo, o medo de se envolver em uma relação de retorno duvidoso faz com que as pessoas não se entreguem de corpo e alma às suas relações.

Na minha pesquisa procurei entender melhor como se dá o relacionamento de uma mulher de caráter histórico que sofre influência dos valores sociais contemporâneos.

Os capítulos teóricos estão organizados como se segue. O capítulo I apresentará um breve histórico sobre os valores associados à mulher na sociedade desde a pré-história até os dias de hoje e a influência que estes valores tiveram sobre a vida das mulheres. Este capítulo é relevante para que os leitores deste trabalho possam entender que a posição que as mulheres ocupam na sociedade contemporânea é fruto de uma história cultural desde o surgimento da humanidade.

O capítulo II irá retratar os valores atribuídos à mulher no mundo ocidental focando e se aprofundando nos dias de hoje. Através de alguns filósofos contemporâneos como Lipovetsky G.(2005), Debbord G.(1997) pretendo mostrar como a moral vigente no mundo capitalista interfere na vida das mulheres.

No capítulo III abordarei a teoria Reichiana com foco no caráter histórico descrito como possibilidade por Reich e anos mais tarde consolidado na tipologia caracterológica de Lowen(1982); já que a pesquisa tem como interesse a forma como essas mulheres consideradas históricas por Lowen desenvolvem seus relacionamentos amorosos sob influência dos valores da sociedade capitalista.

Em seguida apresentarei no capítulo VI a metodoliga, os resultados no capítulo V, a análise e discussão dos resultados no capítulo VI e as considerações finais no capítulo VII.

I Histórico

Neste capítulo farei uma síntese sobre o processo sócio-histórico vivido pela mulher do surgimento da humanidade à contemporaneidade, levando os leitores a perceber que os papéis a ela atribuídos, sua auto-imagem e a visão que os outros têm dela são fruto de uma historicidade. A autora escolhida para fundamentar essa retomada é Rose Marie Muraro (1992), que tem como eixo de sua reflexão o estabelecimento de uma relação entre os meios que os seres humanos visam para prover sua subsistência e o relacionamento entre homens e mulheres.

Segundo a autora (1992), sabe-se da pré-história, através de fósseis, arte e pinturas, que os homínídeos viviam isolados geograficamente, não havendo sinais de lutas. Grupos formados por crianças e adolescentes eram nômades, não tinham idéia de singularidade ou individualidade: o grupo era necessário para sobreviver. Os homens ficavam encarregados da caça de grandes animais enquanto as mulheres caçavam pequenos animais, faziam a colheita e cozinhavam.

As sociedades eram matrilocais, prevalecia a exogamia; os homens visitavam outros grupos e depois voltavam. Acreditavam que apenas as mulheres procriavam, ou seja apenas elas eram responsáveis pela procriação, e que, portanto a sobrevivência do grupo dependia delas: o vínculo era de mãe com filho.

Com a evolução dos instrumentos e a necessidade de caças grandes há a valorização da força do homem.

As sociedades horticuloras plantam com instrumentos simples e com métodos primitivos; tais sociedades eram seminômades; à medida que a terra era esgotada era também abandonada. A maioria destas sociedades viviam da caça, da pesca, da coleta e da domesticação de alguns animais. Estas sociedades eram altamente igualitárias, seus líderes não exerciam poder pela coerção e sim pela persuasão. No entanto, ao contrário das sociedades de coleta, começa a surgir nestas sociedades uma busca por prestígio, que era conseguido pela generosidade.

Existiam algumas sociedades horticuloras mais avançadas, onde começa a aparecer uma hereditariedade e o trabalho escravo. Nobres guerreiros podiam isentar-se do trabalho pesado do campo.

Nas sociedades horticuloras o trabalho de limpar a terra ficava a cargo dos homens por necessitar de mais força física. Sociedades maiores também aumentavam o

risco de guerras e invasões de terras, o que impedia as mulheres de trabalharem no campo, pelo menos sozinhas. As mulheres que dominavam o plantio também o comercializavam, mas isto não fazia com que tivessem poderes sobre seus maridos; por isto a maioria destas sociedades na atualidade ainda apresentam estruturas matrilocais ou matrilineares.

O início do patriarcado se deu de forma lenta e gradual: os homens tinham mais tempo livre que as mulheres, o que fez com que eles fossem desenvolvendo suas armas e inventando cultos específicos para os homens, excluindo as mulheres. Com o aprimoramento dos instrumentos, o homem foi se distanciando e desenvolvendo um domínio cada vez maior da natureza. As secas e inundações causavam um grande medo, que tinha que ser exorcizado, marcando o rompimento do homem com a natureza. Ao passar a exercer um domínio da natureza, da mulher e da prole ao descobrir sua participação na procriação, o homem passa agora a exercer uma posição de controle. Pouco a pouco vai surgindo uma noção de moralidade que era muito repressiva para as mulheres e extremamente livre para os homens. Os tabus referentes à menstruação, à nudez e ao parto são consequência do medo dos homens frente ao poder das mulheres, que passam, assim, a serem associadas à sedução, traição e acusadas de levarem os homens para caminhos que os conduzem à derrota e à morte. Assim vai surgindo uma identidade masculina fundada na superioridade e dominação em relação às mulheres e também moldando uma personalidade feminina de submissão e dependência que são introjetadas.

Começam a surgir as sociedades pastoris que repousavam economicamente sobre a criação de rebanhos de cabras, bois, cavalos, ovelhas, etc. Possuem poucos excedentes, mas os animais são fontes de riqueza, sendo mais freqüente o número de invasões e roubos. Por oferecerem melhores condições de sobrevivência, estas sociedades são maiores que as de caça e coleta e também mais sujeitas à guerra. As mulheres tomadas dos vencidos foram as primeiras escravas da Humanidade. Seus sistemas políticos são mais centralizados e hierarquizados. Ainda é fraca a dicotomia entre público e privado, mas os espaços femininos e masculinos já são nitidamente divididos. Nas sociedades pastoris as mulheres possuem *status* melhor do que nas sociedades agrárias, mas à medida que vão se sedentarizando a mulher vai perdendo seu prestígio político e econômico e pouco a pouco vai se isolando. Cresce o

controle da sexualidade das mulheres, já que as heranças passam a ter mais valor e são propriedade masculina.

Com o aumento populacional e a diminuição da capacidade produtiva das tecnologias e do ambiente, as sociedades são obrigadas a encontrar uma nova solução. Assim os povos passam de nômades para sedentários, o que significa ser capaz de manter a terra fértil por longo tempo. O arado, a irrigação e fertilização da terra, além da domesticação dos animais também contribuíram para o sedentarismo. As novas técnicas proporcionaram um alto nível de produtividade gerando muitos excedentes e dando pela primeira vez a oportunidade para um grande número de pessoas se libertarem do trabalho produtivo. Surgem os aglomerados urbanos, uma classe dominante e um estado centralizador que exercia o poder sobre uma vasta camada de trabalhadores camponeses através de impostos, trabalho forçado e escravidão. Com a conquista de terras de povos mais fracos surgem também os escravos e com o excedente de população a divisão do trabalho e da terra fica mais competitiva aparecendo também um grande número de ladrões e mendigos. Surge também a classe média que se responsabilizava pelo comércio dos produtos. A estratificação de classes surge juntamente com a estratificação dos sexos. Cresce a subordinação das mulheres, que são reduzidas ao domínio do privado e perdem suas funções econômicas. São importantes agora para ter filhos e educá-los, pois, quanto mais braços, mais gente para arar a terra e mais soldados para os exércitos. Com o declínio do trabalho das mulheres, aparece entre elas uma competição pelos melhores provedores como maridos. A sua sexualidade era ainda mais controlada, mas não a dos homens, surgindo a mulher privada: esposa, frígida, provedora de filhos, considerando o sexo pecado e sujo; e a mulher pública: prostitutas, oriundas de classes mais pobres ou de povos conquistados. Estas sociedades elaboram sofisticados sistemas religiosos que justificam a personalidade masculina e feminina. A inteligência, a liberdade masculina e o domínio público agora é legal, moral e religiosamente aprovado. Associa-se a dedicação da mulher aos filhos e marido à incapacidade de assumir papéis econômicos e políticos, precisando assim de proteção, orientação e supervisão dos homens.

Na Idade Média, as mulheres estavam sob a guarda dos pais, tendo que passar virgens para a guarda dos maridos. A transgressão da virgindade e o adultério eram punidos, pois as propriedades eram herdadas, necessitando assim de uma linhagem pura. No início da Idade Média se fortalece a dicotomia do público e do privado. As

mulheres geralmente eram responsáveis por fiar, tecer, cuidar dos animais e das hortas, enquanto os homens faziam o trabalho agrícola mais pesado e lutavam nas guerras. Na ausência dos maridos as mulheres acabavam tomando conta de todo o trabalho. Nos primeiros tempos da Idade Média as mulheres eram reservas de força de trabalho, manipuladas pelos homens. Como a ausência dos homens era comum, elas passaram a ter melhor educação e serem as responsáveis pela conservação e transmissão da cultura.

O cristianismo que no início pregava a igualdade entre todos, aos poucos foi se tornando uma religião que apoiava o sistema patriarcal, justificando-o. A mulher e o prazer começaram a ser vistos como um pecado, pois afastavam os homens de Deus e de seus caminhos.

Com o feudalismo a mulher foi perdendo seu espaço; a relação suserano e vassalo fez com que as mulheres deixassem de substituir seus maridos na sua ausência, o que passou a ser feito por subordinados. Pouco a pouco os feudos foram crescendo até que mais tarde tornaram-se as cidades nos moldes que conhecemos hoje. Nesta época as leis orais foram substituídas por escritas e os homens começaram a ter direitos e as mulheres restrições. Além disto os homens passam a ter mais tempo e interesse pela cultura e pela política, sendo as mulheres totalmente excluídas. Elas passaram a não ter mais direitos de frequentar universidades e ensinar. Nesta época eram as responsáveis pelos cuidados da saúde, tinham o conhecimento das ervas, do aborto, do parto... ameaçando a profissão médica dos homens. A igreja considerava tudo que estivesse longe do seu controle como não-ortodoxo e, portanto digno de extermínio e foi o que aconteceu com estas mulheres. A famosa caça às bruxas foi um genocídio a fim de sufocar o conhecimento feminino. A partir desta época também que se estruturaram os papéis sexuais como conhecemos hoje, que se solidificam através da centralização do poder que tolera muito menos as transgressões, exigindo corpos enrijecidos que não transgridam a norma. Por outro lado, na classe dominante as mulheres eram colocadas num pedestal de pureza e idealização: era o início do amor cortês. Um amor que não devia ser consumado carnalmente e sim levar ao êxtase espiritual. Os homens eram seres dinâmicos e as mulheres seres estáticos, silenciosos, submissos, acolhedores e concordantes.

A partir do século XVI cresce o comércio de mercadorias, o então chamado mercantilismo, que precede o capitalismo, e inaugura o sistema de produção privada. Este movimento vai crescendo até o século XVIII, quando aparece a primeira máquina a

vapor, que substituiu a energia muscular humana e tornando possível a produção em série de bens materiais. O período que antecede a Revolução Industrial, imprescindível para que esta acontecesse, foi a renascença. Neste período surge o protestantismo, que tornou possível este novo sistema. Para o catolicismo o homem deveria conformar-se com a pobreza e com isso chegaria ao paraíso. O protestantismo dizia o oposto, para eles a fé era o mais importante, não importando muito os feitos e quanto mais rico, mais virtuoso o homem seria. Além da nova ética religiosa, outro fator importante foram as novas normas de comportamento das mulheres. A caça às bruxas teve seu início na Idade Média, mas seu apogeu na Renascença. No final do século XVIII estas mulheres já tinham seus corpos submissos e inorgânicos; mais tarde iriam passar isto a seus filhos que seriam operários submissos. Enquanto isso para as mulheres de classes superiores era pregado o culto da domesticidade, a fabricação da infância, a criação do amor materno, o pedestal feminino e o amor romântico. Este novo papel da mulher dá lugar a uma nova feminilidade, passando a representar a pureza, a piedade religiosa e a submissão e a fragilidade. A mulher deveria cuidar da casa e dos filhos, deixando de lado boa parte de seu potencial humano, por isto seu corpo passa a ser o *locus* de doenças até então desconhecidas, reavivando nos homens o antigo temor da mulher e de seu aparelho reprodutor. Nasce a histérica, a frígida, a mulher com “furor uterino”, etc. Milenarmente, homens e mulheres se casaram por interesses familiares. Às vésperas da Revolução Industrial já podia se fabricar outro tipo de casamento: as propriedades de terra já não eram mais tão importantes, agora a competência profissional também contava; assim, homens e mulheres já podiam se casar por atração individual. O amor romântico aparece como instituição ao mesmo tempo que a industrialização: buscava-se a pessoa especial para compartilhar toda uma vida, que completaria o indivíduo fragmentado. Fortalecem-se o binômio homem provedor – mulher cuidadora, alocados em domínios separados e excludentes: a rua e a casa.

Todas estas transformações citadas não se aplicavam às mulheres pobres: estas sempre trabalharam com menores oportunidades e pior remuneração que os homens e sempre tiveram uma dupla jornada, uma no trabalho, setor público, e outra em casa, setor privado. Estas mulheres sempre foram questionadoras da sua condição, sempre estiveram à frente de todas as revoltas: tiveram papel essencial na reforma protestante, na Revolução Francesa, na guerra civil Inglesa, etc. Entretanto nunca foram reconhecidas; quando as revoltas terminavam, seus interesses sempre foram postos de

lados, visando apenas os direitos dos homens. No século XIX as mulheres de classe média e operárias ainda não tinham direitos legais ou culturais. É nesta época que surgem as primeiras feministas, numa luta sem fim em busca do direito ao voto, à educação e às melhores condições de trabalho. As feministas obtiveram muitas conquistas no domínio público, mas nunca questionaram muito a figura assexuada da mulher e a domesticidade do mundo privado, pois ainda não havia uma mudança de mentalidade. Nos anos vinte, depois da Primeira Guerra Mundial, volta uma onda conservadora, onde as Reformas feministas não eram bem vistas: a mulher deixa de ser vista assexuada, e se vê como podendo agora exercer tanto seus instintos maternos quanto os sexuais. Entretanto a emancipação sexual não gerou uma liberdade social a dicotomia entre público e privado continua intacta. Na década de trinta as mulheres que ocuparam o lugar dos homens que foram para guerra passaram a ser despedidas para dar lugar à eles, chefes de família que necessitavam de emprego.

Nos países subdesenvolvidos, como o Brasil, o que se via era um pouco diferente. Nas classes camponesas, onde a família ainda era a base de produção, permanecia a tradicional opressão à mulher. Nas classes operárias elas tinham uma condição um pouco melhor que as camponesas, com sua maciça presença nos sistemas de produção, mas recebiam no máximo a metade do salário de um homem para o mesmo cargo. Era através da exploração do trabalho feminino que se obtinham os maiores lucros, e elas necessitavam desta renda para a sobrevivência da família. Nas classes dominantes a mulher, apesar de todos os privilégios pela riqueza, é submissa ao marido para não perder posição, riqueza e poder. As classes médias em geral reproduzem os valores tradicionais da sexualidade, da educação, da economia e da política. Nos grandes centros aparece uma classe média mais moderna composta de intelectuais, profissionais liberais, sistemas universitários, etc. Nestes âmbitos as mulheres são mais progressistas, em geral seguem carreira profissional e são mais liberais em relação a costumes e política. Nas periferias ainda aparece outro tipos de mulheres, muitas vezes negras, com costumes matricêntricos e matrilocais, mas com valores patriarcais: a mulher trabalha sozinha para sustentar a família, sem marido. Dada esta capacidade de se sustentarem sozinhas, seus comportamentos sexuais são muito mais permissivos.

Depois da Segunda Guerra Mundial, acontece no mundo o mesmo que depois da Primeira: as mulheres que tinham assumido os lugares dos homens são obrigadas a

voltar para casa e devolver o emprego para eles. Os Estados Unidos nesta época, assumem pela primeira vez a posição de super potência. Para ter emprego para todos, o sistema produtivo trabalha a pleno vapor o que acabou gerando uma mega produção e um grande número de excedentes. Para que estas mercadorias fossem escoadas passa haver um bombardeio de propagandas estimulando as mulheres a consumir. A família passa a ser a unidade de consumo e as mulheres representavam setenta por cento do público consumidor, permitindo ao país ter um sistema produtivo cada vez mais desenvolvido.

Na década de sessenta estas mulheres que pareciam ter tudo, começam a se sentir entediadas e sofrer de doenças desconhecidas. Ser esta mulher que a sociedade lhes exigia não era suficiente.

Na segunda metade do século XX, as feministas voltam a ganhar forças; o sistema produtivo funcionava tão bem que há uma escassez de mão-de-obra masculina e uma grande imersão da mulher no sistema produtivo. Além disto as feministas se associam a outros movimentos de libertação, como o dos negros e gays, por exemplo, tornando-se ainda mais fortes.

No fim dos anos sessenta e todos os anos setenta surgem também jovens que não querem arriscar suas vidas em guerras, os *hippies*, rejeitando a competição, o dinheiro e se voltando para alimentos naturais, consumo de drogas alucinógenas para atingir a expansão da consciência e permissividade sexual. Adotam o hinduísmo, já que o cristianismo era a religião dos dominadores e assim começam a introduzir uma nova cultura buscando integrar mente e corpo, no ocidente.

As mulheres, ganhando autonomia e independência através de seus salários, passam também a questionar a má qualidade de suas relações com os homens, não querem mais ser objetos sexuais e nem inorgásticas. O advento da pílula anticoncepcional proporcionou uma dissociação entre sexo e procriação, favorecendo um início da apropriação da sexualidade e do prazer pela mulher. Também lutam contra discriminação econômica e começam a buscar seu espaço na política. À medida que as mulheres vão entrando para o setor público os homens passam também a dividir com elas o privado, ajudando a cuidar da casa e dos filhos.

Entretanto foi se notando que, à medida que se questionasse a repressão sexual, também se questionaria a dominação econômica. Sendo assim, a direita organizada

começou a tomar suas medidas: o rock pesado foi substituído por música romântica, há um movimento cultural de volta aos valores dos anos cinquenta, há uma valorização do jovem profissional “*workaholic*”, são os anos dourados. E finalmente aparece a AIDS, que leva a uma virada conservadora: alguns levantaram a hipótese de que esta doença até poderia ter sido criada, por interesse visando um retrocesso.

Em todo o mundo a recente entrada da mulher no mercado de trabalho está trazendo ao longo de todos estes anos transformações das estruturas sócio-econômicas e psíquicas. Na medida em que a mulher entra no setor público, o homem se vê obrigado a entrar para o domínio privado, ajudando suas esposas nas tarefas de casa e na criação dos filhos. Entretanto, ainda não se nota uma transformação real, mas uma superposição entre valores arcaicos e modernos: o cuidado ainda é considerado o eixo da identidade feminina, apesar do trabalho lhe conferir segurança, autonomia e independência, além de satisfação. O homem começa a se experimentar no âmbito privado, mas continua tendo o papel profissional como fundamento de sua masculinidade.

Graças a mudanças como o advento do divórcio, busca-se qualidade na relação conjugal, que em grande medida substitui a valorização da duração a qualquer preço. Prioriza-se tanto a individualidade quanto a conjugalidade, alimentando-se o projeto pessoal e o amoroso, embora ainda com muitos conflitos.

Portanto concluímos que, conforme nos mostra Muraro, para compreender a constituição do feminino e do masculino, é necessário situar o processo de tornar-se mulher e tornar-se homem no tempo e no espaço.

Havendo uma recursividade entre a dimensão social e a pessoal, os valores, representações e práticas de uma sociedade interferem na busca, manutenção ou rompimento das relações privadas e vice-versa. (Giddens, 1993).

Portanto, é importante situar-mo-nos em relação às ideologias, práticas e discursos presentes na contemporaneidade, o que faremos no capítulo seguinte.

II Valores Sociais Contemporâneos

Neste capítulo pretendo focar a inter-relação entre as mudanças econômico-sociais e tecnológicas que vem ocorrendo nas ultimas décadas e as transformações do eu, das relações interpessoais e amorosas especialmente na vida das mulheres.

A partir da inserção do capitalismo, em meados do século XVIII, houve uma mudança de valores conseqüente às necessidades econômicas. Com a evolução dos meios de produção, a alta tecnologia, e a produção em larga escala, o número de excedentes passou a ser muito grande, trazendo como conseqüência o incentivo ao consumo (Muraro, 1992). Nos dias de hoje há uma passagem do capitalismo de produção para uma economia de consumo e de comunicação de massa (Lipovetsky, 2005). O grande aumento de excedentes gerado pelo desenvolvimento da tecnologia necessitava de um novo padrão de consumo.

Uma economia baseada na produção de massa exigia não somente a organização capitalista da produção, mas também a organização do consumo e do lazer; uma produção em massa exige a educação das massas, os seres humanos devem aprender a comportar-se num mundo de produção em massa (Lasch, 1983). A produção de mercadorias em abundância sempre crescente exige um mercado maciço para absorvê-las. A economia tendo chegado ao ponto em que sua tecnologia passou a ser capaz de satisfazer necessidades materiais básicas, agora confiava na criação de novas exigências pelo consumidor.

A mídia foi o grande artifício utilizado para estimular este novo padrão nas pessoas: as propagandas começaram a bombardear a sociedade com falsas necessidades contribuindo para uma sociedade dominada pelas aparências. O capitalismo subordinou o ser ao ter. O sucesso está ligado aos bens, à fama e ao poder. A posse fica subordinada a aparência, o valor de troca com a capacidade da mercadoria conferir prestígio, considerado sinônimo de bem-estar. A publicidade, tendo como alvo um indivíduo perpetuamente insatisfeito, intranquilo, ansioso e entediado, passa a promover o consumo como um modo de vida. Ela educa as massas para ter um apetite inesgotável não só por bens, mas por novas experiências e satisfação pessoal. O consumo passa a ser o remédio contra a solidão, a fadiga e a insatisfação sexual; ao mesmo tempo cria novas formas de descontentamento peculiares à era moderna. Utiliza o mal-estar da civilização como o estresse, o vazio, o tédio, para promover o consumo. O que nutre o consumo é indubitavelmente a angústia existencial, o prazer associado às mudanças e o

desejo de trazer intensidade ao cotidiano (Lipovetsky, 2005). A busca de emoções e prazeres e a superficialidade dos vínculos contaminaram todo o conjunto do corpo social (Lipovetsky, 2005). A lógica da moda favoreceu o surgimento de um indivíduo que acredita ser mais dono de si e senhor da própria vida, instável, sem vínculos profundos, de gosto e personalidades oscilantes. Emancipam-se mulheres e jovens para que estejam aptos a consumirem, mas estes são submetidos ao novo paternalismo do consumo (Lasch, 1983). O consumo passa a estar intimamente ligado ao prazer, consumir é sinônimo de ser feliz. O hedonismo é um dos princípios básicos desta sociedade.

Entretanto, a alta tecnologia do capitalismo além de ter capacidade de produzir em larga escala, faz isso com muita rapidez. Ao celebrar o sempre novo, e os prazeres do aqui - agora a sociedade enfraquece a memória coletiva e acelera o declínio de repetições e continuidades (Lipovetsky, 2005). O imediatismo passa a ser cultuado, as coisas perdem seu valor assim que deixam de ser novidade. *À medida que o futuro se torna ameaçador e incerto, só os tolos deixam para o dia seguinte o prazer que podem ter hoje. Uma profunda mudança em nosso sentido do tempo transformou os hábitos do trabalho, seus valores e a definição de sucesso* (Lasch, 1983 p.80). No universo da pressa os vínculos humanos são substituídos pela rapidez, a qualidade de vida pela eficiência. As relações reais de proximidade cedem lugares aos intercâmbios virtuais, há uma busca incessante de mais desempenho sem concretude e sem sensorialidade (Lipovetsky, 2005).

Segundo Gergen (1992) *“o sentido relativamente coerente e unitário do eu, que a cultura tradicional possuía, cede vez a múltiplas possibilidades antagônicas”* (p.114). As transformações sociais expõem os indivíduos a diferentes opiniões, valores e estilos de vida, gerando “colonização do eu”, ou seja, *“a aquisição de múltiplos e díspares possibilidades de ser”* (Gergen, 1992, p.100). A coerência interna e a sensação de continuidade da experiência, associados ao sentimento de identidade (Erikson, 1976), é uma meta difícil de se atingir. A multiplicidade de perspectivas atual gera recortes da realidade, imbuídos de valores, ideologias, referências. Na comunidade tradicional as relações eram confiáveis, continuadas, diretas, confirmando e sustentando um sentido de eu sólido. Hoje, de acordo com Gergen, os “eus” assim como a realidade, são construídos, sendo necessário considerar-se as perspectivas a partir das quais essa construção se realiza.

Na sociedade de consumo muitas coisas perderam seu valor, mas uma das coisas que sobrevive a isto é a busca pelo amor, como se num mundo regido pela eficiência e pela racionalidade fosse necessário recuperar alguma inocência (Lipovetsky, 2005). As pessoas não deixam de querer encontrar alguém com quem possa dividir sua vida, com quem possa viver uma relação.

Os relacionamentos se alteram, apesar de haver uma superposição dos valores românticos modernos. A busca do “amor verdadeiro” coexiste com encontros fugazes, variados, intensos ou não. As relações são frequentemente interrompidas e os “outros significativos”, co-construtores de nossa identidade, estão em constante mudança. Para Gergen (1992) seria interessante que se substituísse o objetivo tradicional de estabilidade do eu por um eu mutável, sensível, aberto as possibilidades de experiência.

Entretanto esta é uma sociedade que prega a felicidade a todo custo. A geração do Prozac; os tristes e deprimidos são excluídos. Tudo que inculca uma imagem depreciativa do eu, todas as negações de reconhecimento são atacados como ilegítimo e incompatível com o ideal de auto – realização plena (Lipovetsky, 2005). O imediatismo faz com que as pessoas tenham medo de se envolver em algo mais profundo, as relações tendem a ser superficiais sem muito envolvimento emocional. O futuro é incerto o sexo passa a ser visto como fonte de prazer carnal, não como sinal de envolvimento e relacionamento estável. Por um lado as mulheres conquistam a liberdade sexual, não precisam mais casar virgens, o número de parceiros que elas têm durante a vida já não é mais sinal de promiscuidade; entretanto do outro lado o sexo passa a ser banalizado, as mulheres muitas vezes fingem orgasmos para se livrarem logo de seus parceiros; mas a espera do príncipe encantado continua, cheia de medos, dúvidas e inseguranças; entretanto, mesmo séculos depois da idade média, as mulheres querem o grande amor, o que tem se tornado cada vez mais difícil numa sociedade em que entregar-se a uma relação é um risco que muitos não têm coragem de enfrentar.

A cultura individualista – democrática desestabiliza o papel masculino de competidor, executor, e o feminino apenas relacional, voltado à expressividade. Entretanto, permanece a diferenciação entre papéis e comportamentos femininos e masculinos. Lipovetsky (2000) diz que “*o amor continua a ser uma peça constitutiva da identidade feminina*” (p.32). Para Costa (1999), na contemporaneidade a relação amorosa parece sustentar as identidades, já que as outras fontes possíveis, como pertinência a um partido, a uma crença religiosa, a um código moral, vem-se questionados e esvaziados.

Percebo que os autores divergem quanto à possibilidade de envolvimento amoroso como referência e fonte de reconhecimento: para Gergen (1992) é inviável alcançar a intimidade comprometida, que pressupõe identidades nucleares estáveis para que haja um “entrelaçamento de almas”. A realidade, para ele, mostra multiplicidade de um indivíduo exposto a um social que o “bombardeia” com exigências, expectativas, valores nem sempre coerentes. Acredita que à medida que a realidade se transforma altera-se o casamento e as outras variedades de compromisso. A escolha não se localiza entre a autonomia ou a relação, mas entre várias formas de interdependência: a pós-modernidade propõe um viver a partir de multiplicidade de vozes dentro das possibilidades humanas.

Giddens (1993) já nos fala do relacionamento puro, que pressupõe abertura de um ao outro. É ativo, continuamente reinventado e não há busca pela pessoa especial, o príncipe ou a princesa. O amor, que denomina confluyente, não é necessariamente monogâmico nem heterossexual. Vincula-se à sexualidade plástica, liberta de necessidade de reprodução e do poder masculino pela opressão. *“O amor só se desenvolve até o ponto em que se desenvolve a intimidade, até o ponto em que cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro e está vulnerável ao outro”* (p.73). O relacionamento puro continua, portanto, com base na satisfação, e não mais da necessidade de durar.

A sociedade do século XXI mostra-se fragmentada, apresentando, inclusive, o divórcio como busca de auto – realização via nova relação ou pelo reencontro consigo. O rompimento muitas vezes é motivado pelo desejo de unicidade com o outro ou consigo, revelando uma lógica confiante. E o encontro consigo, e a entrega ao outro? Que possibilidades abre? Que ameaças esconde? A quem? Procurarei refletir sobre estas questões e, sabendo que não há uma única resposta, optei por aceitar o desafio de procurar compreender o ser humano em construção inserido numa realidade mutável.

III Pressupostos Teóricos

Para fundamentar meu trabalho iniciarei falando da teoria de W. Reich. Este autor ressaltou a importância de se compreender o ser humano como um todo dinâmico, em que corpo e psique se inter-relacionam como um sistema complexo. Para Reich, o humano é uma unidade funcional soma-psique na qual não há prevalência de uma dimensão sobre a outra (Wagner, 2000).

Reich se aproximou de Freud e de suas teorias por volta de 1919, ele encontrou nas teorias psicanalíticas a fundamentação teórica para suas convicções a respeito da importância da sexualidade no equilíbrio do funcionamento psicossomático; esteve vinculado ao movimento psicanalítico de 1920 a 1934, ano em que foi expulso da Associação Internacional de Psicanálise, durante o Congresso Internacional de Lucerna na Suíça. Em seu trabalho clínico Reich começou a perceber que seus pacientes, quando relatavam situações de constrangimento, também as relatavam com seus corpos, ou seja, contraíam as mãos, gaguejavam, alteravam o tom de voz, o ritmo respiratório, etc. Assim, ele foi estabelecendo uma íntima relação entre a angústia e as expressões corporais. No ano de 1928 as teorias de Reich sobre a economia sexual começaram a tomar forma (Wagner, 2000).

Reich deixa de ter como objetivo só transformar o inconsciente em consciente, como Freud, passando a ajudar seus pacientes a buscar o restabelecimento do equilíbrio biofísico pela descarga da potência orgástica. Pretende transformar o inconsciente em consciente liberando as energias vegetativas. Assim, a técnica utilizada muda, não se detém apenas na fala, na Associação Livre como na psicanálise, mas também nos afetos e sentimentos vegetativos; além do sonho, o modo como a pessoa fala e age passam a ter a mesma importância. Agora o paciente é olhado de frente e seu corpo analisado (Rappaport, 1984).

Na teoria Reichiana um dos conceitos fundamentais que atravessa toda sua obra é o conceito de caráter. O caráter não se expressa apenas em termos de conteúdo, mas também de forma: é o comportamento típico, o modo de falar, andar gesticular e os hábitos característicos de cada um. O caráter é um enrijecimento do ego, este enrijecimento é a base real para que o modo de reação característico se torne crônico; sua finalidade é proteger o ego dos perigos internos e externos (Reich, 1998). Pode-se dizer que o caráter é uma confluência de um duplo determinismo: o princípio da realidade, a sociedade e o princípio de prazer, os impulsos. O caráter é a

soma de todas as experiências passadas do indivíduo, é a história individual, mas também social e institucional convertida em estrutura psicossomática, e seu constante desenvolvimento no corpo, no potencial emocional e na forma de agir de cada sujeito (Dadoun, 1991). É uma formação protetora crônica, que ficou encouraçada restringindo a mobilidade psíquica da personalidade como um todo. A couraça se forma a partir de um choque entre exigências pulsionais e um mundo externo que frustra essas demandas. A formação da couraça se dá quando estas influências do mundo externo possuem certa homogeneidade qualitativa e uma frequência acumulativa (Reich, 1998).

O caráter é o correspondente da estrutura psíquica, e a couraça o correspondente corporal. A couraça é o correlato corporal do caráter (Wagner, 2007).

O caráter surge como uma resolução de um conflito, angústia. O caráter protege e canaliza a libido para algo aceitável pela consciência, já que um excesso de energia também geraria angústias (Reich, 1998).

Para Reich a gênese do caráter tem por base as demandas pulsionais e o meio exterior; a couraça caracterológica é a cristalização deste conflito, a corporificação da personalidade. A couraça é o produto orgânico, a forma musculada de um adestramento que é passado de geração para geração através de pais adultos e encouraçados que infligem aos filhos suas tradições, valores e educação (Dadoun, 1991). A realização apenas parcial da libido, aumenta a energia acumulada, levando à uma cronicidade e rigidez da couraça, à diminuição do prazer sexual e da capacidade de descarga. A não satisfação sexual gera angústia, mas muitas vezes essa limitação obedece às exigências sociais, visto que a sociedade normatiza o exercício da sexualidade. A personalidade de cada indivíduo é a somatória de todos os conflitos enfrentados pelo mesmo, pois levam a uma dinâmica que rege seu modo de reagir, seu posicionamento moral, sua forma de falar, de se expressar corporalmente, etc. (Rappaport, 1984).

Na compreensão do ser humano é importante considerarmos as várias dimensões da experiência: o biológico, o psicológico e o social. Quando Reich é expulso da Associação Psicanalítica Internacional e aproxima-se do Marxismo, ele busca uma revolução sexual que elimine a moral conservadora, o que a seu ver era o grande fator responsável pela geração das psicopatologias. No que seria um dos principais pontos de discórdia entre Freud e Reich, o primeiro acreditava na pulsão

de morte se contrapondo à pulsão de vida, criando uma oposição de forças inerente ao indivíduo, enquanto que para Reich o organismo pulsa para a vida, quem castra é a sociedade (Rappaport, 1984).

“A estrutura sócio-econômica da sociedade determina modos definidos de vida familiar, mas estes não só pressupõem formas definidas de sexualidade como também as produzem, na medida em que influenciam a vida pulsional da criança e do adolescente, do que resultam mudanças de atitudes e de modos de reação. A esta altura podemos ampliar nossa afirmação anterior sobre a reprodução e a ancoragem do sistema social e dizer: a estrutura do caráter é o processo sociológico congelado de uma determinada época.”
(Reich, 1998, p.7).

No decorrer do desenvolvimento de sua teoria muitas pessoas se aproximaram e se afastaram de Reich. Dentre elas, um de seus pacientes tem posição de destaque: Alexander Lowen (Hilton, 2006).

Em 1938 Lowen passou por uma depressão, que reconheceu ser resultante da ausência de excitação em seu corpo. Assim, ele quis compreender mais sobre a cisão mente e corpo. Em 1940, ele participou de um curso sobre Análise do Caráter ministrado por Wilhelm Reich. Lowen acabou tornando-se paciente de Reich e conhecendo mais de perto sua teoria. Em 1947, Lowen foi para Europa, onde cursou medicina; quando voltou aos Estados Unidos, em 1951, Reich estava sob investigação da FDA, foi quando Lowen percebeu que precisava seguir seu próprio caminho, pois caso continuasse associado aos reichianos poderia se complicar, inclusive ter sua licença de médico caçada (Hilton, 2006).

A partir de uma necessidade de continuar a teoria de Reich e de experimentações com seu próprio corpo, Lowen foi desenvolvendo sua teoria, hoje chamada de Análise Bioenergética, difundida em todo o mundo, que tem como base as idéias reichianas. Lowen acreditava que uma análise do modo habitual de uma pessoa ser e comportar-se merecia igual atenção ao trabalho com tensões musculares. *“Fiz um estudo intensivo sobre tipos de caráter, relacionando as dinâmicas físicas e psicológicas dos padrões do comportamento.”* (Lowen, 1982, p.36). Assim ele cria

sua tipologia caracterológica. Em 1958, este estudo foi publicado sob o título de *The Physical Dynamic of Character Structure*, em português: O corpo em terapia (Lowen, 1982).

De acordo com Silva (2001) Reich faz menção a alguns tipos de caráter: é mais uma dimensão ilustrativa, não constrói uma tipologia, é uma perspectiva mais descritiva, não psiquiátrica. Se prende mais a função, enquanto Lowen se concentra na estrutura. Reich não propõe uma tipologia de tipos específicos e ricamente providos de traços diferenciais. Ele concebe caráter como resistência e couraça, forma e função, histórica e estrutura, fixa com a intenção de estudar os mecanismos de defesa, as organizações pulsionais, os circuitos da distribuição libidinal, os modos de fixação de prazer e da angústia, as emoções sexuais (Dadoun, 1991).

Um dos caracteres descritos como possíveis para Reich é o caráter histérico que se manifesta em algumas mulheres, e que mais tarde Lowen (1977), com a caracterologia, diz que se trata de um caráter que revela pouca ansiedade, tem um bloqueio afetivo médio e a estrutura de ego ancorada na função genital. Segundo Fenichel (1945, p. 527) “*Considerando os mecanismos de histeria, é de se esperar que os traços que se manifestem, correspondam aos conflitos entre um medo intenso da sexualidade e impulsos sexuais fortes, mas reprimidos*” Sua principal característica, segundo Lowen (1977), é o comportamento sexual óbvio, combinado com uma agilidade corporal específica. Possuem uma fixação na fase genital do desenvolvimento infantil e nas ligações incestuosas. Enquanto estas ligações incestuosas não são resolvidas o amor fica cindido em duas emoções incompatíveis: sentimentos ternos e sensualidade. A histérica não é capaz de combinar as duas emoções num sentimento único dirigido à mesma pessoa. O trauma relevante deste caso é a experiência de frustração na busca de uma satisfação erótica, na fase genital. Esta frustração se dá na proibição da masturbação infantil e na relação ao pai do sexo oposto durante o Complexo de Édipo, momento em que a menina, por volta dos três anos, em geral se apaixona pelo pai e vê a mãe como uma rival (Lowen, 1982). A rejeição do amor no plano genital faz com que a menina fique presa entre os fortes impulsos de amor sexual e o medo da rejeição devido à situação edípica. “*É como se a criança dissesse: Já que você rejeita o meu amor, não vou oferecê-lo a você de novo. Assim não fico magoado.*” (Lowen, p.254, 1977). Os homens que apresentam uma dinâmica similar possuem, segundo Lowen, um caráter fálico narcisista.

O envolvimento emocional profundo é uma grande ameaça. Se o coração permite escapar seus fortes sentimentos para a genitalidade aparece uma grande ansiedade, já que a rigidez do caráter histérico só permite descargas de quantidade moderada de energia. Se se tentar mobilizar o coração de uma histérica para chegar aos sentimentos amorosos mais profundos encontrar-se-á uma defesa bem firme. A rigidez corporal envolve o organismo como uma armadura protetora, onde a ansiedade está organizada. É “*como uma proteção contra os estímulos do mundo exterior e contra os impulsos libidinais interiores*” (Lowen, p. 230, 1977).

O corpo de uma histérica, de acordo com Lowen (1977), é rígido e sedutor; o pescoço é duro, tenso, esticado; a cabeça é mantida ereta, as costas são retas e rígidas; a pélvis frequentemente é flácida, mas retraída e apertada; quadris harmoniosos; o peito é apertado o que é essencial para manter a couraça; o abdômen é macio, vulnerável, sensível e segundo o autor é onde se localizam os sentimentos ternos.

O funcionamento do ego está baseado na realidade, e o funcionamento sexual na genitalidade. Ambos são superdeterminados na estrutura. O orgulho está manifesto no pescoço duro e a determinação no queixo. A firmeza das partes baixas das costas e a retração da pélvis são os correspondentes sexuais. A rigidez das pernas esta relacionada ao medo de cair, de se apaixonar, “*fall in love*”. A rigidez também esconde uma ansiedade e uma agressividade cuja função é defensiva.

O indivíduo de caráter histérico é geralmente mundano, ambicioso, competitivo e agressivo. A agressividade é usada defensivamente. A passividade é experienciada como vulnerabilidade, tem medo de ceder, pois iguala ao submeter-se, perder-se completamente. Tem medo que a submissão acarrete a perda de sua liberdade. “*Posso ser livre se não perder minha cabeça e se não entregar-me totalmente ao amor*” (Lowen, p.151, 1982). Ele estabelece relacionamentos razoavelmente íntimos, pois mantém-se alerta, apesar da aparente aproximação e compromisso com as pessoas.

É fácil, em certos casos, identificar uma mobilidade exagerada, que sem dúvida é coquete, juntamente com uma conduta de flerte, o uso destas atividades se dá como uma defesa contra a sexualidade ou amor. Muitas histéricas buscarão inconscientemente situações que as excitam e aumente sua carga de energia, o que resultará em um alto nível de ansiedade que pode desencadear o ataque histérico. A

atitude ambivalente frente aos homens se dá porque de um lado há o desejo bloqueado pelo medo, enraizado na rejeição original da sexualidade infantil e por outro a ira está inibida pelo desejo reprimido. Por isto o histérico se surpreende quando lhe é feito notar o significado sexual de suas ações. O comportamento sexual óbvio é usado como uma defesa contra a própria sexualidade, entretanto na maioria das vezes as histéricas não têm esta consciência. (Lowen, 1977).

O caráter histérico de nossos dias não tem tanto medo da sexualidade quanto o de trinta anos atrás. Os mais antigos eram sonhadores românticos que rejeitavam a sexualidade. A sociedade de hoje permitiu com que o histérico moderno se identificasse mais com seus impulsos genitais, por isto os ataques histéricos de hoje não apresentam a sintomatologia típica. Entretanto a identificação se dá apenas com um aspecto da sexualidade, a genitalidade submissa ou amor romântico, sendo assim hoje não se tem tanto medo do objetivo sexual como se têm de profundos sentimentos de amor, originários do coração (Lowen, 1977).

IV Metodologia

Método

O objetivo deste trabalho foi compreender como se dá o relacionamento amoroso de uma mulher de caráter histórico, de acordo com a caracterologia de Lowen(1982), considerando-se o cruzamento entre a biografia individual e os valores atribuídos à mulher urbana no mundo ocidental nos dias de hoje.

O método de pesquisa mais adequado é o estudo descritivo qualitativo, no qual o foco de atenção é a construção de significados por parte do sujeito, suas vivências e como as percebe (Ludke e André, 1986).

As situações, ações e interações foram analisadas a partir do ponto de vista do sujeito, para se obter uma compreensão do fenômeno e dos processos envolvidos (Moon, 1990). Assim a reflexão sobre os comportamentos humanos pode ter uma maior articulação com seus significados e intenções (Guba e Lincoln, 1994). Portanto, apesar de não se tratar de uma população clínica, este trabalho se caracteriza como uma pesquisa clínica por consistir num processo de conhecimento dos significados que o sujeito atribui a seus valores e crenças, visando aproximar-se de seu psiquismo através de uma fonte inteligível (Hime, 2004).

Na entrevista o investigador deve manter certo distanciamento, por ser co-participante, para que posteriormente possa refletir sobre o que ouviu, pois será responsável pelo material produzido (Hime, 2004).

A escolha de coleta de dados através da história de vida é adequada porque fornece um estudo apropriado do indivíduo e da sociedade, podendo focar as relações entre os indivíduos e as instituições num determinado momento histórico (Hime 2004). A biografia pode ser usada para mostrar como uma pessoa é influenciada por sua época e como contribuiu para compô-la (Levinson, 1976).

O trabalho leva em conta as questões éticas, pois os dados que foram coletados envolveram certo grau de intimidade. Portanto, de acordo com o Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/96): garantirei sigilo profissional pelo comprometimento de não revelar a identidade do participante e também restringir a utilização dos dados coletados apenas para fins acadêmicos.

Participante

O critério de inclusão que foi utilizado neste estudo será uma mulher de caráter histórico, de acordo com a teoria de Lowen, diagnosticado por mais de um profissional durante um curso de formação reichiana; acima de 35 anos, supondo que a participante tenha suficiente experiência de vida e relacionamentos significativos para relatar; pertencente à camada média ou média alta urbana pois esta é uma classe formadora de opinião.

Procedimento

A pesquisadora entrou em contato com a participante para uma entrevista autobiográfica após a coleta de dados de identificação.

Durante a entrevista foi pedido à participante que conte sua história de vida; como aquecimento e para facilitar o rapport foi utilizado uma linha da vida para que ela pudesse marcar os principais fatos, pessoas e relacionamentos significativos de sua história. Caso estes temas não aparecessem espontaneamente, o que se acreditava que aconteceria, a entrevistadora fazia algumas perguntas semi-dirigidas para que a participante conte sobre estes eventos que são relevantes para a elaboração da presente pesquisa.

A pesquisadora fez um encontro de três horas de duração.

Análise dos Resultados

As entrevistas gravadas e anotadas foram transcritas na íntegra, incluindo os comportamentos não verbais e as reflexões e sensações da pesquisadora em relação à situação. A partir deste material a pesquisadora realizou algumas leituras para que se pudesse ressaltar os temas mais significativos.

A partir disto foi feita uma reflexão levando em consideração duas vertentes: os relacionamentos de uma mulher de caráter histórico e os valores da sociedade capitalista no mundo ocidental. Para isto foram usados como referência os conhecimentos obtidos na literatura que estão explicitados nos capítulos teóricos. Esta reflexão teve o fim de averiguar se estes determinados valores influenciam a possibilidade de algumas mulheres se relacionarem intimamente.

V Resultados

Apresentarei a entrevista na íntegra, para, no próximo capítulo, cruzar seus dados com a literatura pesquisada.

Para introduzir a entrevista utilizei uma linha da vida onde a entrevistada colocou os fatos mais importantes de sua vida.

Dados da participante: A. 38 anos, psicóloga, pertencente a camada de classe média alta.

A: Gente o que que é importante? De importância psicológica?

T: Não de fatos importantes.

A: O nascimento da minha irmã mais nova é um fato importante? Eu não sei, pode ser.

T: Pode ser.

A: Bom 0, 1 ano e meio, mais ou menos, menina eu não sei fazer isso você acredita!? O que que é importante? Eu acho que a separação dos meus pais, mas aí está muito longe, eu tinha 15 anos. Vou por mais para baixo aqui, com 14 anos, eu fui viajar para estudar fora, quando eu voltei com 15, os meus pais se separaram, é que na verdade eu não lembro muito bem da infância, os fatos que marcaram. Depois a gente volta. Dos 16 aos 21 eu tive um namorado. Depois dos 22 aos 32, resume fácil a vida assim, né!? Eu tive um outro namorado que eu casei.

A: E a faculdade de psicologia que eu entrei, aonde que... foi aqui com 34. Louco isso, né!? Bem louco começar a ver isto porque tem um buraco.

T: Mas você não lembra? Às vezes conforme vai falando, vai lembrando, né!?

A: Como era um bolo de gente ia todo mundo fazendo a mesma coisa, entendeu!? Bom 9 anos eu fazia ginástica olímpica que eu amava, até viajar. Mais ou menos isso vai. Agora você quer ver, quer que eu fale!?

T: Agora a gente vai falando, isto serve mais como uma orientação. Qual a idade da mãe e do pai e atividade dos dois?

A: Pera aí deixa eu fazer conta pra saber exatamente, acho que é 65 minha mãe, não sei, não é 66 minha mãe.

T: E seu Pai?

A: É 71, dona de casa, minha mãe nunca trabalhou, do lar e meu pai é pecuarista.

A: Eu vou contar um pouco como somos na família, independente disto aqui, são 6 filhas, eu sou a quinta do primeiro casamento da minha mãe e do meu pai. A gente viveu na mesma casa até a separação quando eu tinha 15 anos, depois eu continuei com a minha mãe, só meu pai saiu, com as irmãs até eu casar, o primeiro casamento que foi com 27 anos... Depois meu pai separou, casou com outra mulher e teve mais dois filhos, então eu tenho mais dois meios irmãos. Um menino e uma menina do segundo casamento. Como era nesta casa é isso?

T: Você pode me falar a idade das suas irmãs, formação e estado civil?

A: Sei, todas. Vamos de cima para baixo 46, casada, não sei se interessa tem dois filhos, ela é fonoaudióloga; 45, casada, 2 filhos, zootecnista; 43, não é casada, tem um namorado, mas é solteira, não tem filhos, fotógrafa; 41 hmmm tem alguma coisa errada porque a próxima sou eu que tenho 38, ah ta, ela tem 40 essa daí, são 3 anos de diferença as duas, também solteira, não tem filhos e é psicóloga; então essa irmã fez psicologia na primeira formação, com 18 anos, depois nunca mais trabalhou com isso, depois foi dona de restaurante, ficou voltada para esta coisa da nutrição, de comida, tal... Daí um dia ela cansou, vendeu o restaurante e desencanaou, mudou total e voltou pra Psicologia, começou a fazer curso de novo, e agora atende, e ela está meio que na mesma fase que eu, é engraçado, porque ela está começando também, então é legal. Aí eu 38, casada, juntada, amigada, sei lá o que você quiser por, não tenho filhos e é psicóloga, sou psicóloga.

T: Você não casou no papel?

A: Com o K. não.

T: Na igreja também não?

A: Por enquanto, né!? A gente vai fazer isto um dia.

A: A última 36, casada, tem 1 filho, bom ela tem administração de faculdade, mas ela é fotógrafa hoje. Engraçado também né, esta daí começou depois que ela teve um filho, largou o emprego e começou a ficar esta coisa de filho, bebê, e começou a tirar foto das festinhas de criança e agora ela tira foto, virou fotógrafa.

A: Bom isso foi os primeiros, porque aí os dois outros, da outra família, eu não sei se interessa por aí, sei lá, deve ter 22, chutando 22 e 21, os dois solteiro, não tem filhos, mora com o pai, tal... È ele está fazendo engenharia e ela ta fazendo veterinária.

T: Mas você tem contato com eles?

A: Tenho, não é sempre, mas eu também tenho contato super pouco com o meu pai então... Encontro de domingo quando vai almoçar todo mundo eu também vou, dia

dos pais, natal, estas coisas, meio datas comemorativas, mas a gente se dá bem. Que mais?

T: Por onde você quer continuar?

A: Quer que eu fale como era na casa?

T: Pode ser.

A: Bom era um bolo de gente, porque eram 6 meninas, dormiam duas em cada quarto, tinha um banheiro, então a gente dividia o mesmo banheiro as 6. Isto pensando hoje era bem engraçado, porque era uma no chuveiro, uma no... fazendo xixi, duas escovando o dente, a outra reclamando: vai logo. Porque todas iam pra escola na mesma hora.

A: Uma família que tinha dinheiro suficiente para ter babá, cozinheira, empregada, motorista que levava essas coisas então era tudo muito... Eu lembro de me divertir muito com o jardineiro da casa, por exemplo, quem dava atenção. Brincava com a babá...

T: Mas você se dava bem com as suas irmãs?

A: Então na infância eram grupos de, mas eram grupos variados, não era assim que ficava o mesmo, 3 irmãs amiga de 3 irmãs, não o tempo todo, naquela semana por algum motivo, eu sei lá, uma pisa no pé da outra, a outra vem e defende, aí ficou 3 contra 3.

T: Sempre era 3 contra 3?

A: Não acho que tinha, a primeira e a terceira não lembro muito delas participando disto, engraçado. Era muito mais as duas pequenas, e a numero 2 e a numero, 4. Usei numero para não falar nomes.

T: Você pode falar, mas você tem que me situar.

A: M., So., R., Si., eu e a F.. A M. e a R. não estavam nem aí pra essa coisa de briga, não era briga era meio que uma, tinha briga, ficava eu e uma contra a outra, era uma dinâmica de, tinha briga, mas eu vejo que tinha um afeto nisso.

T: E o que seus pais achavam disso?

A: O meu pai nem tava, porque meu pai aparecia 9 da noite quando a gente já tinha jantado, descia falava boa noite, dava 1 beijo e subia correndo, eu pelo menos lembro de mim, eu subia correndo porque eu morria de medo dele. Ele era uma mala, que só enchia o saco. Se tava fazendo, bagunça, barulho... ele era muito rígido. Ele era muito... como é que eu posso falar, ele era bravo, nervoso, sem paciência, não era carinhoso. Não tenho lembranças assim, de fazer coisas com ele junto, sabe com o pai,

coisas idiotas, vamos andar no parque, sei lá se isso é coisa que pai faz, porque eu nem sei. Vou no supermercado, vou no Mc Donalds, não tem, não tinha isso, entendeu. Meu pai trabalhava o dia inteiro, trabalhava de final de semana porque ele ia pras fazendas no final de semana. Então dia de semana ele trabalhava em São Paulo e final de semana ele ia visitar as fazendas. Lembranças dele é bem assim, lembranças meio chatas. Era sempre cobrando alguma coisa, ou criticando. Criticando eu acho que é a palavra, não é cobrando, porque eu acho que se cobrasse também era bom, né! Era criticando. E eu fiquei muito presa nesta coisa de não tomar a crítica, então eu ficava ligada o tempo todo na dinâmica, entendeu? Pra não me pegarem com calça curta, por exemplo, a F. eu me lembro que ela era estabanada, derrubava as coisas... Então era sempre uma coisa tensa. Tensa, ele chegou tinha tensão.

T: E a sua mãe?

A: Então a minha mãe, como eu, no processo da minha história familiar, vamos dizer assim, na terapia é sempre o pai, então a mãe, eu lembro de... o que ela estava sempre lá, mas estava sempre na rua, ou tinha coisas para fazer, entendeu? Ir ao supermercado, este tipo de coisa, não é coisa... ela tinha algumas funções, mas eram light. Uma época ela inventou com uma amiga que ela ia fazer umas camisas, então era meio um pequeno business, mas nunca virou um emprego mesmo, um trabalho real, porque quando a coisa aumentava e crescia ela: Ai não. Quando aumentava a responsabilidade ela já desencanava, entendeu? Nunca foi muito atrás, enquanto era meio que uma brincadeira, ela ia. Agora o dia a dia lá em casa, eu não lembro, minha mãe também nunca teve muita esta coisa de brincar, isto eu lembro dela falar hoje, não lembro, nunca brinquei com a minha mãe, sabe aquela coisa de senta lá fora, vamos jogar um jogo. Não tinha isso, tinha babá e tinha um monte de irmã, né! Eu brinquei muito com as minhas irmãs, andava de bicicleta.

T: E as suas irmãs, tem uma diferença grande até da primeira, tinha essa coisa delas cuidarem?

A: Não sei, não lembro, nem elas lembram, porque a M., por exemplo, que é a mais velha, ela tem 8 anos a mais que eu, ela devia lembrar eu já perguntei isto pra ela: Você cuidava de mim, você brincava de boneca comigo? E ela: Não lembro, então a idéia que eu tenho é que era tão tensa a casa, era tão tensa que o povo bloqueou a infância. Ninguém lembra da casa. Quer dizer, não era uma tensa que o pai chegava e batia, ele nunca me batia, uma vez ele puxou a minha orelha. Não era uma tensão no físico, entendeu? Era uma tensão psicológica.

T: Mas você acha que essa tensão vinha do que?

A: Ah rigidez que tinha que ser tudo certo, que tinha que não podia errar, que não podia isso... Eu lembro de tomar decisões assim na minha infância, muito poucas decisões. Se eu tinha uma festa eu ficava super estressada de ter que perguntar então eu às vezes eu nem perguntava. Eu ia ter que entrar em contato com o meu pai, pedir. Ele falar isso, não... Reclamar aí eu achava melhor nem falar, então não ia.

A: Tem uma história que as minhas irmãs contam, eu não lembro, mas é que foi contado, que uma vez a gente foi na pizzaria. Então ok, vamos na pizzaria, aí ia aquele bando de gente pra pizzaria, acho que foi a única vez na vida que saiu todo mundo. Sentou todo mundo, o meu pai: Coca cola e mussarela pra todo mundo. Você não podia nem escolher o que você ia beber, entendeu?

T: Como você definiria que tipo de educação você teve na infância?

A: Tem alternativas... Eu diria que foi uma educação rígida, nos valores, tinha isso. Isso tudo bem, até tem um lado bom disso. Todo mundo é entre aspas, trabalhador, todo mundo tem uma profissão, não fico todo mundo, ou alguém encostado, porque era uma família que tinha dinheiro, supostamente podia ninguém trabalhar. Sempre fui criada com os valores de que você tinha que trabalhar, de que você tinha que ser alguém, que você tinha que estudar. Esse é o lado bom da rigidez, que não deixa de ser, mas, uma rigidez.

T: Mas tinha uma coisa meio conservadora?

A: Mais ou menos, até certo ponto, não acho que era uma coisa que você podia fazer o que quer, mas religião meu pai é ateu, ele é católico de infância, aquela coisa, a mãe batizou, mas ele é contra. Sempre falou: Quando as minhas filhas crescerem, elas vão escolher a própria religião. E minha mãe também nunca foi muito de ir na igreja, minha mãe é protestante, mas também nunca foi religiosa, então já tinha esse peso da religião que algumas vezes tem, na minha casa não tinha. Era uma coisa mais light. Em relação à outra coisa que você falou de conservadora, o que poderia tornar a família mais conservadora é a sexualidade ser um segredo, um problema: não acho que era uma coisa, até sem... não era falado, por exemplo, eu não lembro de conversar com a minha mãe: Olha, vou transar com meu namorado. Não tinha isso, mas era uma coisa que era natural, normal. Como eu também sou a quinta, as minhas irmãs mais velhas já abriram um espaço aí, né! Por exemplo, a minha irmã M., mais velha, arrumou o primeiro namorado meu pai pôs ele pra fora de casa. Mas eu era quinta filha e também, quando

eu tinha 15 anos eles separaram, então meu pai que poderia ser a figura mais pentelha, não estava.

T: Como era a escola que vocês estudavam?

A: Todas estudaram no Mackenzie, que foi a escola que meu pai estudou a vida inteira e fez engenharia. Então meu pai sempre foi um Mackenzista, que era uma coisa de orgulho. Só que a escola foi denegrindo, sei lá se é denegrindo, foi piorando, foi perdendo a qualidade e ele ficou sonhando que ainda era aquilo, que era aquela coisa boa na época dele, mas tudo bem, nós estudamos lá, mas os meus irmãos mais novos já não estudaram. Eles foram para lá, ficaram um ou dois anos e ele falou meu não dá. Era completamente outro nível social, o que mais pegou, eu acho, que foi falado era isso. Então quer dizer, o menino chegava e falava: Ah fui pra minha fazenda este fim de semana. E a classe dele olhava pra cara dele e... Isso foi o que eles contaram, aí meu pai falou: Não, não dá. Aí tirou, mas era esta coisa do Mackenzie, tanto é que eu fiz engenharia no Mackenzie, né! Minha primeira formação é Engenharia no Mackenzie. Porque será?

T: O seu pai fez engenharia lá também, é isso?

A: Fez

T: É pecuarista e...

A: É, ele tinha uma construtora e pecuária.

T: Vocês sempre moraram em São Paulo?

A: Sempre moramos em São Paulo, eu sempre morei na mesma casa, a minha mãe vendeu agora faz uns cinco anos. E daí cada um que ia casando foi saindo de casa, e as que não casaram saíram de casa também. No tempo que achava que tinha que sair, né! Meu pai deu uma casa para cada uma.

T: Como que era com os amigos nesta época, época de escola?

A: Então eu sempre fui meio, eu tinha uma amizade uma ou duas, naquele período, ficava com aquelas duas irmãs, grudadas, fazia tudo junto, ia na casa dela, ela ia na minha casa. Muito mais ela na minha casa, porque a gente nunca pode dormir na casa da amiguinha. Porque meu pai falava: Você não tem casa? Tem casa então vem dormir aqui. Eu acho, na verdade era: não quero lidar com, era uma coisa assim, não posso, para não ter esta preocupação, então muito mais fácil pedir para a amiguinha vim dormir na minha casa do que eu ir dormir na outra, porque aí não tem que lidar com muitas coisas. Que casa é esta, quem é... Então só corta e pronto, tudo é mais fácil.

T: Quando era adolescente também?

A: Sim, porque depois eu acho que você esta adolescente, você aprende que é assim e você nem pensa mais nisso.

T: E como que você acha que foi a mudança da infância para a adolescência?

A: Minha mãe conta eu não lembro, mas minha mãe conta que eu, que não é muito, mas é o comecinho, né!? Eu estudava, primeiro que eu era assim, eu estudava de manhã, eu chegava em casa, almoçava, saía do almoço e ia para ginástica olímpica e ficava lá das duas as sete. E daí eu chegava em casa e entrava no meu quarto, então ela falou que ela passou um ano sem me ver. Eu não tinha saco para ninguém, eu não tinha saco para a família. Com 11 anos, eu sei lá, o que foi que deu.

T: Você lembra de alguma coisa?

A: Eu não lembro, ah eu lembro de eu ser super irritada, eu sempre achava um saco ficar em casa, eu lembro que eu achava um bode todo mundo, que as pessoas se metiam sempre uma na vida da outra. Que engraçado, eu nunca tinha parado pra pensar que isto tinha sido uma mudança da infância, que a gente brigava, brincava, ficava amiga daquela, que tem o tom divertido para o outro, que é realmente quando eu virei adolescente, que é isso mesmo, que eu comecei achar tudo um saco, achava que todo mundo se metia na vida uma da outra, eu me dava super mal com a So.. Eu passava, ela sempre foi espaçosa, ela é até hoje espaçosa, eu sempre passava e ela tava na sala eu nem olhava para cara dela. A casa sempre foi uma casa muito cheia de gente, porque levava o amigo de um, o amigo de outro e já ficava 15 pessoas. Então sempre foi assim. Almoços com um monte de gente, jantares com um monte de gente, mais almoço. Eu lembro que era uma passagem na rua, as pessoas passavam e resolviam ficar para almoçar, os amigos da R. chegavam, da M. chegavam. Então sempre tinha movimento, era bastante movimento.

T: E a questão de privacidade?

A: Nenhuma, nenhuma. Eu e a F. que é as que dormíamos junto por anos, até eu sair de casa. A gente era super amiga, a gente era super cúmplice uma da outra, então a gente se revolta com a casa juntas. Entrava no quarto e ficava: Ai que saco... eu lembro que eu brigava muito que elas faziam barulho quando eu estava dormindo, então era aquela coisa que estava dormindo, elas subiam, ascendiam a luz, eu abria a porta e gritava: Cala a boca. Então era sempre esta briga, a F., outro dia até falou: Você abria a porta gritava cala a boca e eu que estava dormindo dentro do quarto, também me ferrava, porque eu acordava com seu grito. Aí a gente começou a rir, então era bem isso.

T: Na linha você colocou o nascimento dela.

A: Porque é a única que nasceu depois de mim, as outras eu não... eu não lembro, mas eu acho que psicologicamente deve ter sido importante, né. Não lembro nada. Mas a gente sempre foi muito ligada, porque as duas dormiam juntas, o tempo todo.

T: Me conta um pouco mais da adolescência, quando você ficou menstruada?

A: Também era um assunto, que tinha essa coisa do feminino, isso eu não falei. O feminino era uma coisa complicada em casa, ninguém podia falar, não é que ninguém podia falar, como a casa era uma família que teve seis mulheres porque o pai queria ter um filho homem. Então, a sensação que... Ficou tentando ter um homem, e daí teve seis mulheres. Eu lembro de histórias, de coisa falada, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Minha mãe contando que meu avô falava: Se você der um filho para ele, eu te dou uma casa. Então era sempre diminuindo o fato da mulher, ou assim eu interpreto, porque isso é engraçado, quando eu conversei isso com a M., minha irmã mais velha, eu não sei se é porque ela era a primeira não tinha essa carga, ela não enxerga assim. Ela falou: Ai imagina, como você é louca. Eu: Meu Deus, não é possível. E realmente, ela foi a primeira, então ela não teve essa cobrança, eu por exemplo, contam histórias que eu fui feita de um processo de macumba, to brincando, mas com rituais, só podia transar no dia ímpar, com a perna pra cima... Eu fui fruto de todas as amigas da minha mãe inventando crendices para nascer menino. Então tinha essa coisa e eu fiquei com isso muito forte de querer ser o menino, de querer ser aceita, tanto é que eu fui fazer engenharia, para ficar perto.

A: Eu estava falando de menstruação, eu lembro de coisas, por exemplo, que quando eu fiquei menstruada, eu não contei para ninguém. Eu não sabia disso, depois que eu fui crescendo... que tem família que faz bolo, que dá presente... Eu tinha doze anos e eu lembro até hoje o dia, foi um dia que eu estava morrendo de vontade de fazer xixi, eu acordei e o banheiro estava trancado e como era um banheiro só, eu corri lá para baixo e fui no lavabo. Aí eu vi que tinha um sangue, aí eu falei: Puta que pariu. Não falei nada para ninguém, subi como se nada tivesse acontecido.

T: Porque você não falou?

A: Eu não sei, era porque eu tinha timidez, eu tinha uma vergonha, vergonha. Era muito mais... para mim ficou vergonha do feminino, vergonha dessa coisa dessas coisas, e a So. tirava muito sarro, então ela era muito chata a So.. Eu lembro quando eu comecei a usar sutiã, nossa eu punha três casacos por cima para ela não ver. Ela ficava puxando, sabe aquela brincadeira idiota que você puxa nas costas e ela ficava o tempo

todo puxando, aí eu saía de casa com umas três blusas, daí depois quando estava na rua tudo bem, eu tirava. Os traumas dos irmãos, gente. Isto é uma coisa louca para estudar. E a So. foi uma mala sem alça, a irmã mala. E é mais velha, porque muito louco, na infância eu tinha ela como ídolo, porque ela sempre foi a mais espivitada, ela falava, ela cutucava a gente. A gente: eu e a F., porque a gente sempre foi a dupla: as pequenas. Então as pequenas não vão, carnaval, eu lembro até hoje, carnaval na fazenda, elas se fantasiavam, e nós duas não ia. Tudo bem, era pequena mesmo, mas porra é um saco.

A: Então esta coisa da sexualidade tem a ver também com esta coisa do feminino, então fiquei menstruada: não contei. Pus sutiã: não contei. Transei: não contei para ninguém.

T: Quando você teve seu primeiro namorado?

A: Então quando eu tinha 11 anos, eu fazia ginástica olímpica, eu era completamente apaixonada, não era meu namoradinho, era só minha paixão platônica, eu era apaixonada pelo menino da ginástica olímpica. Aí eu lembro... que no fim eu dei uns beijos nele, foi o primeiro beijo que eu dei, foi em uma festinha lá da ginástica olímpica que a gente fez, aí dei uns beijos, ele era meu ficante na verdade, mas eu sempre sofria e era apaixonada por ele. Aí depois passaram-se três anos, eu tinha uma foto dele dentro da minha carteira, aí um dia eu peguei a foto e: Ai que que eu to olhando esta foto! Desencana! E daí eu fui... Antes deste namorado de dezesseis anos, eu também fiquei apaixonada, devia ter quinze anos, daí eu tive um namorado que era o Ko., fui apaixonada por ele.

T: Foi seu primeiro namorado?

A: Gente nunca tinha parado pra pensar que ele foi meu primeiro namorado. Sabe porque eu nunca parei para pensar, porque eu sempre só dei bola para este de cinco anos. Porque eu namorei seis meses e daí ele foi viajar, ele ficou quase um ano fora, e daí a coisa murchou, miou, mas que eu era apaixonada por ele, eu era.

T: E como que era entre vocês?

A: Ah foi aquela paixão assim, porque este menino eu conheci a vida inteira, meus pais eram amigos dos pais dele, então a vida inteira eu conheci. Mas chegou um dia, fiquei anos sem ver, chegou um dia “pumba”, eu tinha quinze anos, ele tinha dezoito. Eu achei ele o máximo, do máximo. Daí, eu liguei pra ele: Ai oi. Como se... na maior cara de pau: Ai oi, tudo bem, tal... E daí a gente começou a sair, a gente saiu por seis meses, esse namoro... a gente saiu seis meses, eu era namorada. Que coisa louca, eu estou descobrindo agora que eu era namorada dele.

A: Eu estou descobrindo várias coisas com essa coisa. Da adolescência e da infância e isto daí.

A: Como era o namoro... a gente brigava, ele era , eu sei lá, eu me atrapalhava com essa coisa e ele também, por exemplo, eu lembro de cenas, eu conheço ele até hoje, eu adoro ele até hoje, meu amigo até hoje. Mas eu lembro de cenas, ele sempre foi muito “críca” e naquela época ele já era “críca” e crítico eu acho. Eu lembro que eu descí pronta para ir numa festa, e daí ele fez uma cara e eu falei: O que que foi, minha roupa não está boa, ou a minha roupa está muito decotada, o que... E ele: Não, nada. Só que foi com essa cara de bunda até a festa e aquele “puta” clima, eu falei você quer saber meu, tchau, to indo embora. E era do lado de casa a festa, eu fui embora a pé. Então era sempre já briguenta, era uma coisa meio briguenta. Eu lembro dessas brigas, mas sempre fui super carinhosa, com os namorados sim. Sempre fui muito carinhosa, gostava de beijar, e ficava abraçada. Não transei com ele, né. Ele não foi a minha primeira transa. Então a gente ficava se “malhando”, né.

T: Você tinha insegurança?

A: No caso dele não, nenhuma. Não também porque foi nesses seis meses e nesses seis meses a gente viveu loucamente apaixonado os dois, brigava às vezes, e daí ele foi viajar. Então eu me lembro de eu levando ele no aeroporto, chorava que nem uma condenada no aeroporto. Aí a gente ficou três ou quatro meses falando no telefone... a gente falava muito no telefone. E aí essa coisa da rigidez da minha família, o que foi que aconteceu isso porque a gente ficava falando horas e horas a gente tinha combinado: Você vai subir no avião e eu vou ficar aqui, a gente não está mais namorando, ta!? Para não ter cobranças. Daí eu tive uma paquera no meio do caminho e dei um beijo no ser humano, e daí minha crise de consciência não podia mais ficar com ele, falando com ele, eu tinha que contar que eu dei um beijo. Bem coisa de criança idiota. Daí eu liguei, contei... aí acabou aí. Quando ele voltou eu fui buscar ele no aeroporto, ele foi muito babaca, escrototérrimo, porque acho que estava “puto” com essa coisa. Ele estava “puto”, depois a gente conversou.

A: E daí uns quatro meses depois eu conheci este cara e namorei cinco anos. Dos 16 aos 21, ele tinha oito anos a mais que eu, tinha 24, que foi o cara que transei a primeira vez.

T: Como que foi?

A: Nossa foi terrível, foi no lavabo da casa da minha mãe. Com as pessoas dormindo. A gente ficava com aquela coisa “rala e rola” no sofá, beija, beija... que um

dia foi para o banheiro e fez o que tinha que fazer, mas assim minha sexualidade era muito ruim, muito ruim. Principalmente com esse namorado. Ele eu acho que ele não era do ramo, entendeu. E eu era mais complicada ainda. Então era assim, transar era um sofrimento. Era uma coisa travada no último grau. Bom eu namorei cinco anos, mas eu só transei com ele dois anos depois, né.

T: Você gostava bastante dele?

A: Então é uma pergunta difícil de responder por que eu era tão complicada, meus pais tinham separado, sabe foi uma coisa que supriu. Na época lógico, porque fiquei cinco anos, é lógico que eu gostava, mas eu gostava porque ele me tratava muito bem. Eu pisava, mal tratava e ele babando em cima de mim, entendeu. Então era mais por isto que eu acho que durou tanto, do que realmente eu gostava dele.

T: E como foi a separação dos seus pais?

A: Então quando eu fui viajar para a Suíça, que foi aqui quando eu tinha catorze anos, quando eu voltei meus pais separaram. Fiquei um ano estudando na Suíça, entre o ginásio e o colegial, todas as irmãs foram. Eu acho que a gente era tão caipira assim, porque nunca saía de casa, nunca fez nada. Porque as férias eram todas na fazenda, então a gente não sabia nem comer, no restaurante, nada disso. Era meio caipira. Então acho que meu pai resolveu, minha mãe acho que pleiteou isso. Porque ficava muito tudo preso no mesmo lugar, então entre a oitava série e o colegial elas vão passar um ano, elas vão estudar: francês, inglês e etiquetas. Era um colégio de meninas.

T: Como que foi lá?

A: Ah foi gostoso, quer dizer foi gostoso, no começo foi péssimo, eu só chorava, tinha saudades, não conseguia ficar sozinha, não conseguia ficar sozinha numas porque era um colégio que tinha trinta meninas, mas eu só falava português, nem espanhol eu entendia, tinha umas meninas que falavam espanhol eu não entendia. Eu não entendia nada. Fiquei super mal, minha mãe ligava uma vez por semana, porque naquela época não tinha esta historia de ligar, não era muito comum que nem hoje. Então era uma vez por semana no horário. Eu lembro que nos três primeiros meses eu falava: Quero ir embora. Ela: Tudo bem, fica mais uma semana, vamos tentar. Ela me enrolava. E eu tive daí um problema na perna que tive que fazer operação lá, quer dizer eu mandei os exames para cá... fui fazer um passeio de bicicleta, aí descobri que eu tinha um tumor na perna e eu não sabia de nada, tudo a diretora e minha mãe. Minha mãe levou os exames no médico e o médico falou: Pode voltar já, tem que operar. Aí eu lembro até hoje que minha mãe ligou e falou: Você vai ter que voltar para operar. Eu fiquei feliz da vida.

Daí voltei, fui operar, interrompi por três meses o ano. Voltei para lá em setembro, que era quando começava realmente as aulas, eu quando cheguei janeiro, já estava todo mundo inturmado, não tinha mais... eu caí de para quedas. Quando eu voltei em setembro, aí eu me dei super bem, aí eu amei, fiz amizade. Dezembro voltei.

T: Quando você voltou seus pais tinham se separado?

A: Não, então foi engraçado, porque para mim, como eu estava lá, você fantasia, né!? Você está longe da família, você acha que está tudo bem, quando eu voltar vai ser tudo ótimo, papai e mamãe bonitinhos, fofos. Só que quando eu voltei, meus pais estavam muito piores, eles nem se falavam mais em casa. Eles moravam na mesma casa, mas eles não falavam. E era aquela “puta” situação horrorosa, e eu lembro de eu fazendo a cabeça da minha mãe, não fazendo a cabeça, incentivando de uma certa forma, porque eu acho que fiquei tanto com essa coisa do sonho que tudo bem e quando eu voltei era tudo ao contrário. Falei: Meu para que isto. E falei para ela: Você tem que separar é um absurdo, acho ridículo, não te respeito por você dormir na mesma cama de um cara que você não olha na cara, que você não fala bom dia, para que? E ela: Ai eu preciso pensar em vocês, eu tenho seis filhas. Eu falei: Ah não vem com essa, não vem por... eu lembro eu falando várias vezes, foi uma lavagem cerebral seis meses.

T: Como era a relação deles antes?

A: Então eu não lembro, não lembro de ser um casal carinhoso, amoroso, não lembro disso. Também não lembro de briga, eu lembro de tensão, meu pai era um cara que abria a porta e a tensão estava gerada na casa. Minha mãe também, minha mãe parecia uma criança igual a gente, então esta história da festinha, eu lembro que a sensação que eu tinha era assim: Mãe tem uma festinha pra ir. Ela: Ai vamos falar com seu pai. Então ela passava também, já o medo para mim. Ela já passava, então a sensação que eu tenho é que ela era como uma filha, ela acabava sendo uma filha. A magoa que eu acho que eu tenho da minha mãe, se eu for parar para pensar no lado infantil, que ela não defendia a gente, ela era um bolo junto. Não sei se também porque ela casou com dezoito anos, namorou desde os quinze. Casou com dezoito, com dezenove estava grávida, era muito criança também. Ficou, tinha as mesmas sensações que a gente, os mesmos medos que a gente.

A: Eles separaram em setembro, eles vieram conversar, eu lembro até hoje que chamou lá no sofá, e chamou todas as filhas: A gente vai separar, tal... Eu achei ótimo, uma chorou, a outra gritou... Daí depois de um tempo descobrimos que meu pai tinha um caso com a secretária, que a secretária estava grávida, que é a atual mulher dele e

que daí ela teve um filho e era finalmente o tal do filho homem que ele tanto queria, e está aí com vinte e dois anos agora. Isso já foi motivo, eu fiquei um ano sem falar com o meu pai, não olhava na cara, se encontrava na rua eu virava. Só que depois de um tempo passa também. Está tudo bem, até que todo mundo ficou melhor. A verdade é essa minha mãe está lá com o I. que é o namorado dela, ótimo, maravilhoso, que todo mundo adora ele, eu adoro. Meu pai está lá com a mulher dele, ela que agüente ele. No fim todo mundo se acerta. Quando você é criança você não aceita. Então, mas eu já aceito hoje.

T: Como era na sua adolescência sua relação com o corpo?

A: Eu fazia ginástica olímpica, tinha essa coisa, trabalhava muito o corpo, fazia muita ginástica, das duas as sete, cinco horas. Tinha essa coisa de emagrecer, magrinha, eu sempre fui muito magra, depois que eu dei uma engordadinha, mas eu sempre fui muito magra, quando eu fazia ginástica olímpica então, eu tinha cinqüenta e um quilos, com a mesma altura que tenho hoje, eu era muito magrinha. Daí quando eu fui para Suíça que aí eu parei de fazer tanto esporte, na Suíça eu engordei oito quilos. Até hoje, eu sempre estou quatro ou três quilos a mais, agora, por exemplo, eu estou dois quilos a mais, mas o mais gorda que fui na vida foi quando eu fui pra Suíça que eu engordei oito quilos em um mês, que foi uma coisa insana. Eu estava tão angustiada de ficar lá, que eu só comia o dia inteiro. Pesava sessenta e quatro quilos nesta época, hoje eu peso sessenta e um, então eu nunca...

T: como você acha que as pessoas te viam na adolescência, mais velha um pouco?

A: Tinha a impressão de que eu estava bem, de que eu estava bonita que eu era magra, isso nunca tive esse problema de achar que eu estava gorda, mas sempre controlei. Não relaxava não, isso muito da minha mãe também, e também como era casa de mulheres, a minha vida inteira eu convivi com almoço, bife grelhado, salada e verdura. Bolo era uma vez em nunca, pastel era nossa, eu digo isto porque era uma casa de mulheres, mas tem casas de mulheres que não estão nem aí. Na casa dos meus amigos que tinha homens tinha umas comidas mais gordas, bife a milanesa, na minha casa nunca teve isto, quando tinha era festa. Refrigerante só quando tinha visita. Sempre teve uma coisa de saúde também, mas era esta coisa do regime.

T: Como você acha que seu pai e sua mãe te viram se tornando mulher?

A: Nossa, eu nem sei se eles perceberam, como será que eles me viram. Eu não sei te responder isto, porque eu era tão animalesca, eu era tão mala sem alça, eu mudei muito depois que eu virei gente. Eu virei gente eu digo mais ou menos lá pelos trinta.

Eu era nervosa, brigava, não falava com ninguém, não dava satisfação, falava: Vocês são um “puta” chatos. Eu era revoltada. Então as pessoas tinham medo de chegar perto de mim, a verdade é esta. Não sei te responder, é lógico que eles devem ter uma visão, mas não era uma coisa falada ou trocada. Não tinha abertura também.

T: Quem você tinha como modelo de mulher?

A: Na minha adolescência, Madona. Porque eu achava que ela fazia, acontecia, não estava nem aí. Eu tinha uma coisa muito irreverente, me dava uma sensação de liberdade talvez, não sei. Isso eu lembro também quando eu estava na Suíça, porque foi a época que ela lançou.

T: Como você terminou com este namorado de cinco anos?

A: Porque eu brigava muito com ele, porque eu não agüentava na verdade, ele era muito mosca morta, eu já estava no terceiro ano de engenharia e ele como tinha oito anos a mais que eu, era um cara completamente mal resolvido profissionalmente, não sabia o que queria fazer da vida, até hoje ele é assim. E aquilo me dava um “faniquito” e ele era gordinho, bem gordinho, eu lembro que eu comprava calça para ele de presente na Varca. E ele falava: Não essa semana eu vou começar o regime. Aí sentava na mesa, isso só pra explicar o jeito dele, não foi isto que me fez terminar com ele, e comia que nem um porco. Muito molenga e eu não agüentava, e aí a sexualidade era ruim, a gente transava acho que era uma vez por mês e eu chorava. Falava: “Putá” não é possível que sexo seja isto. Tem que ser mais que isto, não é possível. Só que eu não conseguia terminar com ele, por insegurança total, aí eu comecei a brigar tanto que ele falou: Olha acho que você está precisando dá um tempo. Eu tinha medo de ficar sozinha, não era muito consciente, vou te falar o que eu penso hoje, não sei se eu pensava na época, mas é engraçado eu tinha uma coisa que era assim, ele estava em casa um tempão, como também ele não trabalhava, não tinha dinheiro para nada. Eu era estagiária, então a gente ficava namorando no sofá, aí dava meia noite ele falava: Vou embora e aquele momento no portão para mim era angustiante, engraçado. Aí eu começava: Não, porque que você vai embora, que “saco”, você não quer ficar. Naquele momento, ele batia o portão eu estava ótima, então terminar com ele parecia isto. Ficava uma angústia então ele que teve que terminar comigo, na verdade foi um tempo, só que depois de duas semanas eu tinha esquecido a existência dele, ele ligou, eu falei: Desculpa, estou em outra. Nas estava em outra com outro, mas sei lá, respirei. Comecei a me ver como pessoa.

T: E como era para você o fato de ele ser gordinho e você sempre foi preocupada com o corpo?

A: Eu ficava irritada que ele era gordinho, eu achava que ele tinha que emagrecer um pouco, né!? Porque pelo amor de Deus, o cara era uma baleinha. Ele não comprava roupa em loja normal. Eu falava que ele tinha que emagrecer, que ele estava muito gordo, sei lá... Era um enrosco, eu não sei nem te falar o que me fazia ficar com ele. Fazia eu ficar com ele, porque o cara me cuidava, olhava pra mim, ficava comigo. “Foda-se” o que eu fazia, eu fazia ele de gato e sapato e ele estava lá. Era pura insegurança.

A: Depois dele eu fiquei um ano solteira, aí eu tirei a forra a sexualidade aí eu saía com quem aparecia, o pensamento que eu tinha era: Pelo amor de Deus, eu tenho que descobrir o que é isto. Sexo não pode ser isto. Que por um lado foi bom e por outro foi uma “merda” porque até parece que você descobre o que é sexo assim, mas pelo menos eu experimentei.

T: Sem afeto?

A: Eu tinha princípios, eu não podia sair nunca com dois juntos, então se eu estava paquerando um eu estava paquerando só aquele, então daí eu saía com os caras um mês, um mês e meio, mas um mês e meio quer dizer que teve três encontros, meio ficantes, mas eu ficava toda apaixonada, aí transava tudo e depois de um tempo pensava: Este cara não tem nada a ver comigo. É era sem afeto, mas na hora eu achava que eu estava apaixonada, mas na hora, né!? Aí depois acabava, isto deve ter acontecido umas sete, oitos vezes, sei lá. Com pessoas diferentes, até o dia que eu falei: Desencanei, estou fora, não quero mais sair com ninguém, cansei de ficar apaixonada duas semanas e depressão duas semanas. E daí na hora que eu desencanei eu conheci o F. que foi com quem eu fiquei dez anos, namorei cinco e fiquei casada cinco anos.

T: E como foi com ele?

A: Sexualmente, ou tudo. Foi uma “neura” também briga, volta, briga, volta, nesses dez anos. Não nos cinco de casado porque aí a gente já estava descolado, aí a gente já tinha prometido que a gente ia brigar e ficar junto, a gente não ia mais... Porque é assim: Sabe aquela coisa, você é feio; Não feio é você; Ah não vou te ver mais. Ficava duas semanas sem ver. Sempre foi assim, eu começava naquela paixão, ficava dois anos apaixonada, aí depois começava briga, na verdade tinha que ter estes altos e baixos, ou eu estava apaixonada ou estava achando uma “merda”. Então foi desgastando o relacionamento. Daí começou a história de querer ter filho, isso mexeu demais comigo,

me senti super insegura. Para acho que foi a gota d'água talvez porque eu parei para pensar como é que eu vou estar da qui a dez anos com este relacionamento que já está assim. Aí o negócio foi desandando, o que pegou mesmo foi a história do filho, porque a gente teria que fazer inseminação artificial, eu achava aquilo o fim do mundo. Porque ele tinha baixa taxa de espermatozóide. E daí eu até fiz uma inseminação, pra mim aquilo foi muito agressivo pra mim, eu não estava inteira na coisa, eu estava fazendo porque achava que era a minha função de esposa, árabe. Então aquilo foi muito agressivo para mim, aí eu vi num quero. Aí separou.

T: E a sexualidade com ele?

A: Era ótima. Eu acho que foi com ele que foi, porque também foi a pessoa que eu fiquei mais tempo, porque também sexualidade tem isso, tem um prazo também, você não, você aprende junto, você sai junto e com o M. que era dos cinco anos, como era muito ruim e eu era muito travada, ficou aquela coisa, que era assim, eu transava uma vez a cada dois meses. E com o F. não, a gente era tarado um pelo outro, transava pra caramba, então foi ótimo. O que segurava também muito, era isto.

T: Quantos anos você tinha quando você casou com ele?

A: Vinte e sete. E comecei a namorar com vinte e dois e ele tinha quatro a mais que eu.

T: Qual era a profissão dele?

A: Engenheiro

T: E a sua faculdade?

A: A faculdade de engenharia foi no meio do namoro com o M., eu conheci o F. já quando eu terminei. Aliás como ele tinha uma empresa de engenharia, quando a gente começou a paquerar, a história era que eu ia fazer um estágio na empresa dele.

T: Você tinha bastante amigos na faculdade?

A: Mundo masculino, eu era uma ET, que eu entrava e saía e não falava com ninguém, porque eu achava que todo mundo ia querer me comer, a verdade eu acho que é esta hoje. Todo mundo ia se aproximar de mim para... Naquela época eu não dava conta disso. Hoje eu dou conta melhor, não é cem por cento, mas eu dou conta melhor. Eu preciso ficar na defensiva quando eu acho que a pessoa pode me assediar. Então eu era totalmente na defensiva e eu namorava, nos primeiros três anos eu namorava o M., então eu era uma débil mental completa, não falava: A, para ninguém. Aí no ano que eu separei, que eu fiquei solteira, aí pelo menos eu faltava na faculdade, porque antes eu era "caxias", eu puxava matéria dos outros anos. Daí eu peguei duas dps, nunca na vida

tinha pego uma dp. Aí eu ia para balada, um pouco, né. Foi pouca a minha vida de balada, mas esse aninho aí eu fiz um pouco de balada. Daí acabou a faculdade, eu já trabalhava, fazia estágio em obra, daí montei minha empresa, fiz prédio, casa de condomínio... Aí eu vi que aquilo não me acrescentava nada, quando eu fiz o prédio eu olhei e falei: Gente, deu tanto trabalho, tanta dor de cabeça e eu estou tendo uma realização zero, não agüento, não suporto esta cobrança, porque eu lembro que eu deitava na cama e dormia e ficava pensando: Gente se chover e vasar água, que estava pondo gesso no prédio... Eu tinha crises, não dormia. Depois que ficou pronto eu vi que não era nada disso. Daí eu não conseguia, não queria mais fazer isto. Então eu programei pra...

T: Como você lidava com este mundo masculino, cheio de peão de obra?

A: Nossa, eu era um homem, era um cavalo. Eu era super macho, primeiro que eu acordava e tinha que me “enfeiar”, enfiava uma botina, um camisão, prendia o cabelo. Eu tinha um pedaço do armário que era pra ir na obra.

T: E fora da obra?

A: Então é engraçado, eu não lembro, mas fora da obra também eu não tinha sapato de salto alto, uma amiga minha lembrou outro dia isso. Ela falou: A. você lembra quando você comprou seu primeiro sapato de salto alto na sua vida. E eu não lembro, eu só usava botina. Deve ter sido com o F., antes do F. talvez, com o F. com certeza, porque ele tinha um metro e noventa e cinco, então também queria ficar mais alta, mas era antes.

T: Quando você estava com ele, você ainda trabalhava com engenharia?

A: Trabalhava com engenharia. E daí eu deixei a engenharia durante estes dez anos, não lembro exatamente o ano e fui trabalhar com uma empresa de eventos. Fui trabalhar com Marketing, fiquei um ano sem fazer nada e daí eu fui fazer fotografia, fui inventar coisas. Estava acabando a obra, foi este ano que eu fui fazer fotografia e eu também fiquei arrumando o apartamento que a gente ia morar. Foi justamente quando eu casei. Depois eu fui trabalhar com eventos, aí mudei, fui trabalhar com outro tipo de gente. Eu ia arrumada, a gente falava umas coisas mais alegres, trabalhar com eventos é gostoso, as pessoas estão felizes.

T: Você acha que você ficou um pouco mais feminina nesta época?

A: Daí já mudou, eu lembro que ia trabalhar de salto, saia, blusinha. Mas eu não lembro quando foi que eu comprei o salto, eu não me lembro desta parte. Até me lembro

na obra, mas fora da obra eu não me lembrava que eu não usava nada. Mas deve ter sido com o F., durante este relacionamento que fiquei mais feminina.

T: Como que foi quando vocês terminaram?

A: Os dois ficaram super mal, porque a gente se gostava, tinha uma história, também não é só o gostar, tem uma coisa de planos, você faz planos de viver uma vida juntos, fazer família, mas a gente não adiantava, a gente não se dava bem. A gente tentou de todos os lados, então os dois... a gente se encontrou de vez em quando, nos dois anos seguintes a gente fez até uns “flash back”, mas não rolava, não dava.

T: Vocês se davam muito mal em que sentido?

A: A gente brigava muito, os dois tinham um temperamento muito nervoso e eu sou bem “espivitada” eu preciso de alguém que me contenha e não que fique explosivo junto. Então eu explodia e ele ia falar falava mais alto, aí eu falava mais alto ainda... Então as brigas eram por coisas muito idiotas. Daí fiquei uns quatro anos solteira, fui viajar para Espanha, tinha um casinho aqui, outro ali, mas não tive nenhum namorado.

T: Como foi esta época?

Pausa

T: Como foram os quatro anos que você ficou solteira?

A: Eu entrei numa coisa de fazer muita meditação, auto conhecimento, yoga, retiro. Retiro que eu ficava quinze dias sem falar, e foi ótimo esse retiro de quinze dias sem falar, porque minha vida dali mudou um pouco, eu percebi como a gente fala, e quando você está muda, você não pode por pra fora, você tem que ficar com aquilo, então aí você começa a observar sua cabeça. Você fala: Gente é uma máquina que funciona sozinha, Daí eu comecei a ficar mais calma também. Muita terapia, auto conhecimento, arrumava umas paqueras, mas nada muito... Tive um namorado, logo que eu separei, comecei a sair com um carinha, a gente ficou oito meses junto. Esse namorado foi legal porque era uma coisa leve para mim, o cara tinha seis anos a menos que eu, não tinha nada a ver comigo, hoje falando, mas como eu vim de uma relação tão pesada e no final estava super ruim, para mim estava gostoso. Era leve, era muito brincadeira, beija bem, fazer sexo, era uma coisa muito, eu não estava pensando muito no futuro.

T: Mas não tinha muito amor?

A: Não, não tinha, no comecinho eu fiquei meio apaixonadinha e depois falei: Ai, está gostoso, deixa levar. Era mais um colo do que, mas era bem consciente, era reveillon, a gente tinha marcado junto, já tinha pago tudo. A gente foi passar reveillon junto, aí a gente voltou e quinze dias depois terminou. Tinha um monte de mentira, algumas bobagens de paquera que você fica achando graça duas semanas e depois: Ah não tem nada a ver.

T: Chegava a ter relação sexual?

A: Sim, dois ou três, não foram muitos não. Fiquei muito sozinha esta época, ficava em casa, era super sossegada, cozinhava para mim, foi na época que eu não comia carne. E como eu fiquei tão “psica” com esta história de retiro, eu também passei a não comer carne, então eu me via em outro ritmo, totalmente. Era um ritmo mais de vou cozinhar minha própria comida, eu não estava trabalhando. Estava mais perdida que... não sabia o que eu queria fazer da vida. Então eu ficava muito em casa, cuidava da casa, comprava o que eu ia cozinhar, lia alguma coisa, mexia no computador, mas minha vida era isso. Não saía muito. As pessoas que conhecia, que eu paquerei, foi porque sei lá, um conheci na praia no fim de semana, mas era tão aleatório, do nada, outro fui numa exposição aí um cara que conhecia há muito tempo atrás, mas não ia para balada, não ia “galinhar”, nada disso.

T: E como estava sua relação com o feminino nesta época?

A: Eu estava muito mais feminina, porque esta história de voltar para dentro e ficar eu comigo lá, olhar para o... Sei lá vou dar de novo o exemplo da história da comida, porque foi uma super novidade, porque eu nunca na vida eu cozinhei. Então eu estava muito mais preocupada em me tratar bem, talvez isto. Não sei. E eu comecei a ter uma visão diferente do feminino nesta coisa de sair um pouco da histeria, sabe. Então mesma na roupa, esta coisa do salto alto. Descer do salto, literalmente. Comecei a comprar sapato mais baixo de novo, ficar com o pé no chão.

T: Você acha que você sempre foi uma mulher super sedutora, sensual?

A: É eu tenho que assumir que sim, apesar de achar que não era. Hoje eu sei que sim. Mas como tinha uma certa timidez ao mesmo tempo, não sacava. A verdade é que eu não sabia dar o nome, sempre fui isto, mas nunca dei nome. Não sabia que podia explicar.

T: Você percebia que você era assim?

A: Não, não percebia, por exemplo, quando o E. falou a primeira vez que meu caráter era histórico, eu falei: Nossa, não, nada a ver. Aí comecei a me perceber. Antes

eu achava, como não entendia, que era mais o masculino agressivo, porque era uma machinha, mas no fundo isto era mais uma defesa do que era real.

T: E a timidez?

A: Timidez assim, vergonha de ligar, vergonha de se encontrar na rua e falar, tinha umas vergonhas. Eu tinha momentos muito desinibida, que acho que foi quando eu estava segura, então eu falava, era espalhafatosa... Estou charmosa, mas alguns momentos que eu tinha que falar alguma coisa, eu ficava travada.

T: Falar sobre o que?

A: Eu acho que é se expor, né. Na hora que você tinha que realmente se expor. Fazer muita graça, pavão, é muito fácil, na hora de falar o que você está sentindo e se expor, travou.

T: Como era para você falar do sentimento?

A: Nesta época, ou pode ser hoje. Porque eu não lembro. É que eu preciso me sentir segura, por exemplo, hoje com o K., eu falo tudo. Tudo, que eu amo, que adoro... Não tenho problema de me expor, mas na época eu estava com um casinho que pelo amor de Deus, não estava nem aí comigo. Então realmente, eu tenho que me sentir segura para eu me abrir. Eu lembro o dia que eu tinha que falar com o carinha que eu não queria que ele me procurasse mais, e a gente ficou de rolo oito meses e eu totalmente apaixonada e o cara “cagando” para mim. Aí eu precisava expor isto, nossa foi uma sessão de terapia para falar como que eu ia expor, o que eu ia falar, porque eu ia ter que falar com o cara. Eu não queria sair correndo do assunto, eu queria falar tô sentindo isso... estou me envolvendo, estou chateada, eu queria namorar com você. Tudo isto, para eu falar isto: Queria namorar com você. Meu Deus. Eu lembro até hoje, fui, falei, foi sensacional. O tom de voz que eu falei, foi uma coisa trabalhada na minha cabeça, mas o cara ficou sem fala. Falei de uma forma tão suave, fui tão verdadeira, que a pessoa ficou passada. Este acho que foi um grande exercício, falar isto que eu estou dando exemplo, na verdade falar para uma pessoa que não estava me acolhendo. Eu sabia que a pessoa estava me rejeitando, mas mesmo assim eu me expus.

T: E você acha que neste momento fez alguma mudança?

A: Pra mim fez total uma mudança, para mim foi um sucesso, um marco. E para mim foi muito especial, porque eu percebi que me expor, eu estava dando o devido respeito ao meu sentimento e até aquela pessoa que estava lá na minha frente. Eu acho que ali eu aprendi que não precisava ter vergonha de, você podia sentir o que fosse e que o outro vai sentir, o que ele tem para sentir e ou vai ficar junto ou não vai, mas

respeitar o próprio sentimento, eu acho que eu sempre tive este problema, não respeitava o que eu sentia, muitas vezes nem sabia o que eu sentia. Então mais difícil ainda respeitar.

T: Quando você foi procurar a terapia?

A: Nossa, quando eu tinha vinte e dois anos, quando eu comecei a namorar o F., que quando começaram as brigas, eu falei: Gente, do céu, eu não posso viver assim, este é meu jeito de se relacionar e eu não quero viver assim. Então eu fui procurar terapia para terminar com o F., na minha cabeça. Fiquei mais dez anos com ele, mas ali eu percebi que eu tinha problema de relacionamento que eu não sabia como me relacionar.

T: E na época você descobriu por quê?

A: Não, na época não. Eu posso falar da conclusão que eu tenho hoje, a dificuldade de me relacionar é porque, aí a gente vai bater no Édipo, é como se não tivesse tido este acolhimento, na minha infância, então sempre fui uma criança que, nossa estou dando uma teorizada agora, que eu tive que dar conta sozinha. Então isto faz o que: eu fiquei ressentida, ou na minha, protegida, defendida, porque o pai só criticava, a mãe na verdade não estava ali para defender, então... Porque minha mãe é descendente de alemão, então também é fria, seca, né. Ela tem um lado amoroso nas coisas do fazer, vou cuidar de você, mas não tem a coisa do afeto, do colo, do beijo, do abraço, não se fala muito de sentimentos tão abertamente, não era falado.

T: Em relação ao seu pai, você lembra de admirar ele?

A: Sim, eu lembro de eu ficar olhando como: olha para mim, presta atenção, me exibindo de alguma forma. Tentando achar brechas que ele pudesse elogiar, eu lembro que era super boa aluna, porque na verdade ele valorizava isto. Eu lembro que ele fazia, isto é muito louco, porque eu lembro disto e nenhuma outra irmã lembra, então acho que ele fazia isto só comigo, ele fazia competição de boletim, pegava todos os boletins somava e fazia uma média, quem ganhava. Então eu sempre tinha que ganhar, eu estudava para poder ser a mais inteligente da casa.

T: Quais você acha que foram as principais transformações que você teve nesse momento que você ficou separada?

A: Então foram várias primeira coisa que fui viajar, fiz muito autoconhecimento, meditação, mas eu fui viajar sozinha, eu nunca na vida tinha viajado sozinha, ficar sozinha eu sei que foi um problema e eu fui, não fiquei muito, fiquei três meses na Espanha, porque também não agüentei mais. Então aquela coisa, as pessoas viajam e se divertem, para mim eu estava fazendo um trabalho terapêutico, eu estava ali para ver

como que eu ia me comportar, como que eu ia sair daquela situação, como que eu me senti. Foi uma boa experiência, mas eu não me senti super bem, não tive tesão de ficar sozinha, não tenho essa facilidade de entrar num café falar com as pessoas, não tenho essa coisa descolada, engraçado. Eu me sinto abandonada, e daí acabou, aí fica eternamente deprimida, achando tudo uma “merda” é... Louco isso, né. Será que se eu fizesse uma viagem hoje seria diferente?

T: Como é para você ser olhada?

A: Ser desejada?

T: Não, ser olhada. Pode ser por qualquer um.

A: Talvez normal, estou acostumada eu acho. Eu percebo que eu chamo atenção, eu sempre falei que isto não me deslumbra, mas eu acho que isto é um pouco de mentira, porque lógico que tem um lado meu que gosta. Não sei, esta pergunta é muito complicada. Porque tem um lado meu que mente, eu acho. Eu não sei.

T: O que me vem é que você não sabe ficar sozinha, você cresceu em uma casa que tinha seis filhas e como é você ser olhada?

A: Tem uma coisa que é ser olhada, é um olhar diferente, tem uma coisa que é ser olhada na rua, no campo da fantasia, uma coisa mais sedutora, não está olhando para mim mesmo. Isto eu saio bem, eu acho que há um tempo atrás você fez uma pergunta: Mas sem amor? É eu sei, mas a hora que está olhando mesmo, você fica na suposta timidez, sei lá se é timidez a palavra. Quando eu fui fazer terapia individual com o E. eu já tinha feito terapia em grupo com ele três anos, e no dia que eu fui para a terapia individual eu fui chorando dentro do carro. Pensava: Gente do céu, como é que eu vou ficar sozinha, na mesma sala com ele, era como se fosse um monstro, era a mesma sensação do meu pai, como se estivesse indo ver o meu pai. Eu fiquei assim frente a frente com o meu pai, só eu e ele, uma vez, um almoço, que eu convidei ele para almoçar. Não faz muito tempo, porque fora isso sempre foi comunitário, não existia sentar aqui: Olha, como você está? Não tinha isso, então para mim era um medo, medo desse olhar do pai. Tudo que eu mais quero e tudo que eu morro de medo. Então a resposta de como ser olhada é que é difícil, então é isto é tudo que eu mais quero e tudo que me dá mais medo. Isto em função da terapia tem melhorado muito, muito. Agora já estou fazendo terapia individual faz seis meses.

T: Quando que você mudou de terapia?

A: Nesse processo que eu estava fazendo um monte de terapia, um dia me falaram da Fonte, é um curso assim... E como eu estava super perdida

profissionalmente, eu falei: Eu vou lá ver, vou conversar com este tal de E. Aí acabei, não estava procurando terapia na verdade, eu queria saber do curso, eu falava: Ai vou virar terapeuta. E daí eu sentei lá com o E., conversei com ele meia hora e acabou. Mandou eu fazer a faculdade, vai fazer a Fonte... Aí eu fiz.

T: Voltando um pouco para as transformações, porque acho que a terapia faz parte disso.

A: Neste tempo eu fui fazer a Fonte, psicologia, terapia em grupo. Eu acho que tive muita transformação porque eu passei a olhar mais para mim, eu não tinha mais o marido que eu fazia, repetia, eu e o F. para mim era muita repetição da família que era meu pai e minha mãe. A gente esta sempre repetindo, mas agora estou tentando repetir menos.

T: Como você via esta repetição?

A: O F. também era um cara duro, seco, mais para o agressivo, nada acolhedor, então eu na verdade eu sei hoje que minha agressividade vem como uma defesa na hora que eu tô me sentindo abandonada e preciso de colo e ele não podia dar colo, nunca deu na vida, nunca vai dar. Tem isso nele, ele também precisava do mesmo colo que eu, eram dois crianças precisando de afeto e não tinha, então só podia dar “pau”. Meu pai e minha mãe eu vejo muito assim, porque tem uma coisa na relação que você consegue viver anos juntos sem intimidade, eu acho que meu pai e minha mãe era isto, eu e o F. também.

T: Sem intimidade, você quer falar o que?

A: Você não, ah quer comer o que, vamos para onde no fim de semana, vamos comprar uma casa nova... isso tudo você vive muito bem falando de coisas externas, você não precisa falar de você: Oh, eu me sinto assim, abrir o coração, ir lá e falar: eu me sinto abandonada, eu me sinto carente, eu me sinto feliz... Não, eu acho que quando eu falo intimidade é colocar suas necessidades, primeiro abrir o espaço para colocar esta necessidade, eu não tinha, não sentia, não conseguia. Era como se eu ouvisse o F. falar: Não vem com frescura. Então não tinha, os dois juntos, eu não conseguia fazer isto, não sabia fazer isto e o lado de lá, não sabia ouvir, então estava a “cagada” feita.

A: Aí sozinha eu comecei a me ouvir, ver quais eram as necessidades, tanto é que eu fui fazer a inseminação artificial e eu não estava com a menor vontade de fazer na verdade, só que eu achava que era a função minha de esposa. E aí foi: recua, para, ver qual é sua vontade real, é como se até os trinta e dois anos de idade eu nunca tivesse parado para pensar o que a A. quer. Fosse vivendo num modo operante que a vida vai

levando, ah tem um namorado que gosta disso, o outro gosta daquilo, então vou indo e vou fazendo... E nesse período foi descobrir o que que eu gostava, quem era eu, o que que eu faço que irrita as pessoas, o que eu faço que é bom para as pessoas, eu sozinha. Não a, porque até então era muito o outro que é chato, o outro que me incomoda, o outro que... Eu pude ficar comigo e ver que era eu, eu, eu...

T: Como foi com o K.?

A: O K. foi o máximo, porque quando eu, ele era, eu no começo do nosso relacionamento, agora mudou, né. Já está a dois anos juntos... Ele era totalmente aberto, totalmente inocente quase, poderia ser esta a palavra, então para ele, não tinha esse registro de agressividade ou de mau humor, ele nunca viveu isto na vida dele e ele teve a maior paciência do mundo para me conquistar, porque se não fosse por ele, não estava junto mesmo. Eu ficava no incomodo lá da defesa da entrega e tinha “piti”, falava não vai dar, melhor a gente se separar e ele vinha olhava o que estava por trás.

T: Porque você acha que você tinha esta coisa de não vai dar certo?

A: Nossa sempre, porque ele era tão seguro da coisa, ele me pediu em casamento com quinze dias de namoro, que conhecia ele. Aquilo me deixava em pânico, eu pensava: Meu Deus do céu, este homem é louco. Como que ele pode me pedir em casamento, eu nem sei quem é esse cara. Daí eu falava: Pelo amor de Deus, não fala mais esse assunto, não pede mais em casamento... Então foi tudo, ele era muito seguro, ele era muito quero ficar com você para sempre, estou seguro de que é isso mesmo. Ele era muito sem medo, e eu era muito medrosa. Aí ele fazia todo dia eu olhar que era medo que eu tinha que era medo que eu ficava me debatendo, então ele vinha, eu acabava chorando, sempre eu acabava lá no colo dele, e assim ia. Daí a coisa foi ficando mais fácil, aí eu fui cedendo, fui me entregando. Era o que eu precisava, deste colo para poder me entregar, então parecia assim: Estou te testando, será que você segura a minha onda mesmo? Eu vou te mostrar o pior de mim e será que você vai segurar minha onda. Isto é muito claro de ver hoje. Não era consciente, mas eu... para eu poder me sentir segura e poder me soltar. Isto não é que foi assim de um dia para o outro, eu acho que nem é, acho que vai continuar sendo para o resto da vida na verdade, porque cada dia é um dia e cada coisa acontece diferente. Então agora eu estou morando junto, faz um ano que a gente mora junto, da qui a pouco a gente vai querer ter um filho, então as coisas da vida vão acontecendo e vai me dando medo e eu vou tentando trabalhar esse medo. Eu já sei que eu vou funcionar assim. Ele já sabe que eu vou funcionar assim também. Só que a única diferença que agora a paciência é menor do lado dele, porque eu acho

que tinha um monte de coisa também no começo de conquistar... Depois que você mora junto você vai dando uma relaxadinha, eu percebo que o acolhimento é menor, a gente já conversou sobre isto, ele também acha, porque eu se fosse ele, não ficava comigo mesmo uma semana, porque é um jeito muito difícil, diferente de pedir colo, né. Não é: Ai to triste, não to legal. Não é na agressividade, é falando alto, vai ficando brava, mas no fundo, no fundo a braveza é puro chilique histérico. Me dá colo, cuida de mim. Então eu entendo que tem um lado que isso cansa, enche o saco. Mas que no fundo tem um lado que acho bom, porque assim eu tenho que dar conta disso. Eu tenho que começar a dar conta de abaixar a bola.

T: Você acha que você está dando?

A: Acho, eu acho que eu estou percebendo. Se ele não fica babando em mim o dia inteiro, porque a insegurança é desse nível, pessoa não fala: Eu te amo. Hoje, já: Hmmmm, meu Deus já não fala hoje que me ama, coisa esquisita, e de repente o cara está lá com dor de barriga, então já estou dando conta disso de ver que está tudo bem. Eu tenho escrito no espelho do banheiro: Está tudo bem!!! E eu estou entendendo que estar casada, estar com alguém também é este momento de que: Estou de saco cheio de você. E isto é normal. Antes eu tinha uma coisa tão idealizada que não posso achar o cara uma mala, não posso achar ele chato, se eu achar ele chato é porque eu devo separar, mas a gente é chata, eu também sou chata, eu também faço chatice. Então eu estou entendendo que é normal, que faz parte.

T: O que você vê de diferente da sua relação com ele e com o F.?

A: Nossa, tudo. Aqui eu converso, eu falo, ele me escuta. O K. é bem fechado na verdade, em relação as sua próprias emoções, mas ele tem grandes ouvidos, ele me escuta. Acho que é isto que me dá segurança.

T: Com quantos anos você foi morar junto com ele?

A: Trinta e sete, nossa dez anos de diferença nunca tinha percebido, só agora.

T: O que você acha que ele faz que te faz sentir segura?

A: Primeiro esta historia de segurança na área de ciúmes, eu tenho total segurança no K. e não era uma segurança que o F. me dava, por exemplo. O F. entrava em um lugar e olhava tudo e todos para saber onde ele estava, tinha uma coisa de... ok eu era mais insegura do que eu sou hoje também, mas ele também era, causava mais, ele também tinha a insegurança dele, ele também tinha que se sentir seguro e era por aí, ele adorava me ver ciumenta, ele adorava ver eu dar chilique. E com o K. eu tenho zero, eu tenho uma “puta” segurança nele, ele me deixa totalmente segura. Isto não quer dizer

que não sai sozinho, que não sai com amiga, que vai almoçar... faz tudo isto. Mas me deixa transparente, então não tem, o celular está ali, ele atende e fala na frente, é natural. Eu acho ele transparente, posso estar enganada, mas eu acho.

T: Como você vê sua vida hoje em dia, que coisas são mais significativas hoje?

A: Então as duas coisas, como se fosse a minha base. A psicologia que eu estou super curtindo e o meu relacionamento com o K. também, eu acho que é um trabalho árduo, porque eu sei que é onde pega meu calo, mas estou afim de ter um filho com ele, consigo já planejar isto, que eu jamais conseguiria há um tempo atrás. Porque não me sentia segura, então minha vida está boa.

T: Quando você casou com o F., você casou na igreja e no papel?

A: Com o F. eu casei no papel, não teve igreja, foi uma cerimônia em casa, mas também, já que estamos falando de entrega, não casei mesmo, eu casei, mas foi uma consequência de, porque na verdade eu não fiquei cinco anos casada, eu morei junto quatro anos, e no último ano antes de separar que eu casei, porque o pai dele estava doente, e para o pai e para a mãe fazia uma “puta” diferença casar ou não casar, então a gente casou para agradar os pais dele. Lembro até hoje o dia que ele falou vamos casar, na mesa do almoço: Meu pai está doente, eu sei que ele vai morrer no final do ano, vamos casar. Então foi uma consequência da doença do pai, não foi: Ah vamos casar! E com o K. a gente não casou ainda, deve ter alguma área neste pedaço, a gente já falou: Vamos fazer uma festa, vamos casar... mas acaba que a gente não vai corre atrás, não vê festa, não vê lugar... Porque fazer tudo isto é um compromisso, né. Eu faria, mas não sei o que que emperra na nossa conversa que não vai. Eu to achando que esta emperrando mais por causa dele, ultimamente.

T: Quais são seus planos para o futuro?

A: Tentar engravidar o ano que vem, acabar a faculdade... Fora engravidar, acho que as coisas estão em andamento.

T: Como você educaria seus filhos, o que você faria diferente da sua educação?

A: Nossa, eu primeiro deixaria eles se expressarem, a principal é esta. A sensação que tinha é que eu não podia ser eu mesma, tinha que ser o que esperavam de mim e o que o bolo de gente fazia, eu fazia junto. Não tinha uma diferença: Filha, tal, filha tal... Todo mundo pizza mussarela, entendeu. Ser mais amorosa, estar mais perto, ter um contato físico, porque eu acho que na minha casa não tinha esta coisa do abraço, do beijo, do toque. Se eu conseguir, deixar eles serem livres nesta coisa de, vou dar um exemplo, mas reflete em tudo: Vai na casa da amiguinha, então vai na casa da

amiguinha, se desprender deste controle, não precisa controlar tudo. Deixa que o moleque vai dar conta. Porque acho que isto refletiu muito na minha vida, nunca soube escolher nada. Eu tive que aprende com trinta anos de idade começar a escolher na minha vida, tanto é que eu fiz engenharia, fui fazendo um monte de coisa que não tem nada a ver comigo. Porque quando eu era criança não me ensinaram o que era escolher, então não exercitei isto: Se eu escolho uma coisa eu deixo a outra e como eu nunca vivi isto, eu não precisei escolher, escolhiam para mim, eu engolia tudo com goiabada e fazia o que tinha que fazer.

VI Análise dos dados e Discussão de Resultados

Como estratégia para introduzir a entrevista utilizou-se a linha da vida, que foi feita em ordem cronológica, mas ao longo da entrevista a participante foi preenchendo algumas lacunas. A entrevistada apresentou bastante preocupação em adequar às expectativas dela com as da entrevistadora.

Foi de grande importância a relação durante a entrevista, estar ligada e sintonizada com a conversa, isto contribuiu para que ela pudesse resgatar lembranças, às quais ela vai dando sentido ao longo da entrevista.

Através da entrevista realizada pôde-se perceber o valor terapêutico da entrevista autobiográfica: fica claro que a vida é colocada em perspectiva, podendo a participante compor uma nova imagem de si, apropriando-se melhor de si mesma. Ela possui uma boa percepção dela mesma e dela com o outro (Hime, 2004).

A entrevistada se organiza do passado para o futuro, mas não tem um discurso linear, apresenta idas e vindas, mas, como a vida, é um processo de construção que integra estabilidade e mudança, continuidades e rupturas, nascimentos, renascimentos e morte.

A. tem trinta e oito anos, atualmente é psicóloga, mas tem como primeira formação engenharia; encaixa-se dentro de um padrão socioeconômico alto.

Após a construção da linha da vida, a própria A. tem a iniciativa de começar a falar da família e inicia isto dizendo que “*era um bolo de gente ia todo mundo fazendo a mesma coisa*” (sic) ao acentuar a coletividade em detrimento da individualização. Fica fácil perceber que isto dificulta o resgate das lembranças ela mesma, como se não se apropriasse de si facilmente, por serem uma “massa” coletiva. Mais adiante também pode-se notar outras influências da coletividade, já que trata-se de uma casa com seis filhas, que eram tratadas sem nenhum tipo de diferenciação, por exemplo quando ela diz que foram na pizzeria e o pai “*Coca cola e mussarela pra todo mundo*” (sic): ela mesma diz que isto fez com que ela não soubesse fazer escolhas, ver do que ela realmente gosta, sempre havia alguém que fizesse isto por ela.

Na maioria das vezes o pai, era uma presença muito forte, mesmo ausente, pois ele trabalhava o dia todo e nos finais de semana, quando ela era pequena. Como uma pessoa muito rígida e crítica o pai acaba fazendo com que a casa esteja em constante ritmo de alerta para que nada desse errado ou fugisse do controle. Pode-se notar um indício de complexo de Édipo quando ela diz que “*fiquei muito presa nesta coisa de não tomar a crítica*” (sic). Há uma preocupação de agradar o pai; outro elemento que

fortalece esta idéia é também quando ela conta que havia uma competição de boletins, de que inclusive só ela entre as irmãs se recorda: ela se preocupava em estudar bastante para sempre ter as melhores notas (Lowen, 1982).

Ao mesmo tempo que tinha um afeto que fazia com que ela tentasse atender as expectativas do pai, havia também um medo, que fica fácil de se perceber quando ela conta que deixava de ir em festas porque teria que pedir para o pai e isto seria estressante. Ela fala várias vezes da rigidez do pai, mas fica claro também a presença de um controle muito grande, por exemplo, quando ela relata que ele não deixava que elas dormissem na casa das amigas, as amigas podiam dormir na casa delas, mas elas não. Ela mesma fala que acredita que era para não ter que lidar com a família da menina, ter que saber quem é, ou seja, estando lá era mais fácil de controlar o que estava acontecendo. Ao longo do diálogo percebe-se que isto fez com que ela muitas vezes seguisse o que alguém dissesse que deveria ser feito, não sabendo fazer escolhas por ela mesma, pois estava acostumada que alguém cuidasse de tudo e escolhesse por ela. Importante ressaltar que ela diz que o pai chegava à casa e havia uma tensão, o que faz com que hoje ela acredite que o clima era tão estressante, que elas e as irmãs deletaram uma boa parte da infância. Desta maneira o modelo masculino que ela internaliza é de um homem autoritário, rejeitador, controlador, que deixa a relação e a família tensa, o que acabou influenciando em suas relações (Lowen, 1982).

A. relata que a mãe estava sempre lá, mas que não tem recordações de brincar ou fazer coisas com a mãe, expõe que sempre brincou bastante com as irmãs, com a babá, jardineiro... Diz que a mãe não era muito carinhosa, que é descendente de alemães, que o jeito dela ser carinhosa é no fazer, não no tocar. Também apresenta uma mágoa em relação à mãe, porque conta que dentro desta dinâmica da casa a mãe parecia uma filha junto com ela e as irmãs e não a protegia do pai. A mãe parece imatura, não tinha grandes responsabilidades e levava o trabalho como uma brincadeira. A mãe representa um modelo do feminino frágil, submetido, inferiorizado, vulnerável, o que também fica presente em outras relações de A. (Lowen, 1982).

O relacionamento dos pais não era muito afetuoso, não tinha muitas demonstrações de carinho, mas não brigavam; havia muita tensão, mas sem discussões. Mostra uma relação hierárquica, uma desigualdade de gêneros, o pai era autoritário e a mãe fraca o que gerava um sentimento de desproteção, medo e tensão. Também fica nítida a dominação masculina através do poder do dinheiro: o pai era o provedor da subsistência da família, mesmo ausente era temido e respeitado.

Apesar de A. dizer que não trata-se de uma família conservadora, podemos perceber traços fortes desta característica em sua educação. Todas estudaram na mesma escola que o pai, já que ele acreditava em uma tradição, e todas estudaram um ano em um colégio de etiquetas e línguas, só de meninas, na Suíça. Mostra que a família acredita que uma mulher tradicional deve saber se portar em sociedade conservadora. A. diz que a família não é conservadora e utiliza dois exemplos, a religião e o sexo. Conta que o pai acreditava que cada uma das filhas deveria escolher sua própria religião quando crescesse, e quando fala de sexo lembra que era natural. Entretanto é contraditório, pois não havia diálogo. Relata que as irmãs abriram o caminho, o pai era censor, expulsou o namorado da irmã mais velha de casa, e quando ela era adolescente ele já havia se separado da mãe, não participou ativamente da vida dela nesta época (Reich, 1998).

Na passagem da infância para adolescência quando ela relata *“que eu estudava de manhã, eu chegava em casa, almoçava, saía do almoço e ia para ginástica olímpica e ficava lá das duas as sete. E daí eu chegava em casa e entrava no meu quarto, então ela falou que ela passou um ano sem me ver. Eu não tinha saco para ninguém, eu não tinha saco para a família. Com 11 anos, eu sei lá, o que foi que deu”* (sic) Percebe que este foi um momento de transição da infância para a adolescência, um período de auto-afirmação que não era respeitado, não tinha privacidade, assim ela reage no grito, de forma agressiva. Pode-se perceber alguns traços do caráter histérico, que tem como uma de suas defesas a agressividade. Este comportamento é usado para que ninguém possa atingir seu coração, para proteger seus sentimentos ternos. Ela se descreve nesta época como *“eu lembro de eu ser super irritada, eu sempre achava um saco ficar em casa, eu lembro que eu achava um bode todo mundo, que as pessoas se metiam sempre uma na vida da outra”* (sic). Neste momento percebe-se um movimento de ficar longe das pessoas, chega a se referir em outro momento dizendo que era *“animalesca”*, ela mesma diz que as pessoas tinham medo de chegar perto. Ela afastava as pessoas, sendo esta uma forma de não se envolver, não se entregar (Lowen, 1982).

Um grande cuidado com o corpo também é percebido durante a ginástica olímpica que ela retrata assim *“Tinha essa coisa de emagrecer, magrinha, eu sempre fui muito magra, depois que eu dei uma engordadinha, mas eu sempre foi muito magra, quando eu fazia ginástica olímpica então, eu tinha cinqüenta e um quilos, com a mesma altura que tenho hoje, eu era muito magrinha.”* (sic). Relata que sempre controlou o peso, que isto também vinha da mãe, que sempre balanceou a alimentação. Refere-se a ela na adolescência como *“eu estava bem, de que eu estava bonita que eu era magra,*

isso nunca tive esse problema de achar que eu estava gorda, mas sempre controlei.” (sic). As mulheres de caráter histérico possuem uma grande preocupação com o corpo, é nele que se encontra a sensualidade e o coquete, típicos destas pessoas (Lowen, 1977).

Quando se pergunta a ela sobre a menstruação ela nos relata um dado muito importante, que a casa tinha seis mulheres, porque o pai queria um filho homem, que o feminino sempre foi desvalorizado, que ela nasceu fruto de todas as crendices das amigas da mãe para que ela fosse homem. Narra que ficou menstruada, começou a usar sutiã, perdeu a virgindade e não contou para ninguém, deixa claro que tinha vergonha do feminino. As próprias mulheres desqualificam o feminino, já havia uma introjeção da inferioridade e perpetuação da dominação masculina. A mãe era um modelo de feminino fraco e submisso, ao mesmo tempo em que esta condição era desvalorizada pelo mundo masculino. Parece inadequado ser mulher. Fica muito difícil ser mulher em um ambiente tão hostil com o feminino, por isto o movimento de esconder comportamentos tipicamente femininos, que para ela estão ligados ao corpo: menstruação, seios e relação sexual (Reich, 1998).

Ela narra que seus primeiros relacionamentos tinham muita paixão, não tinham relação sexual e sempre brigava muito, o que aparece como mais um indício da defesa do caráter histérico, que usa a agressividade contra o medo de ceder, de envolver-se. Nestes casos havia sentimento, porém não havia relação sexual, o que não ameaça a angústia histérica. Uma outra característica que nos chama a atenção é quando ela narra que o primeiro namorado, era muito crítico, como o pai, o que remete ao Complexo Édipo, uma busca do modelo masculino introjetado (Lowen, 1977).

Com o relacionamento que durou cinco anos, dos dezesseis aos vinte e um, com um homem oito anos mais velho, o que pode remeter à busca de um pai, algumas características típicas da histeria ficam mais evidente. A. diz que quando perdeu a virgindade foi horrível e também que as relações sexuais com este namorado eram ruins *“transar era um sofrimento. Era uma coisa travada no último grau”* (sic) e esporádicas. *“...minha sexualidade era muito ruim, muito ruim.”* Fala como se ela tivesse algo negativo e não que transar com ele era ruim, reproduz a relação de gênero que ocorria dentro de casa. Diz que gostava dele, mas que ele apareceu depois da separação dos pais, então acha que ele supriu esta carência, conta que ele fazia tudo que ela queria que ela tratava ele muito mal e ele continuava sendo muito atencioso. O relacionamento durou cinco anos, mas ela observa que o sexo e o sentimento eram insatisfatórios. É fácil perceber que não havia uma entrega, e sim uma repetição do padrão de relação de

hierarquia que era vivido dentro de casa, no caso o pai mandava e todos obedeciam: ela acaba introjetando esta relação, com o namorado ocupando o lugar do pai. O controle da relação também está intimamente ligado com características do caráter histérico, pois assim não há o medo de submeter-se ou de se entregar aos sentimentos e à relação, comportamentos típicos de uma histérica. Quando há o fim do relacionamento ela ressalva que não gostava dele, mas não conseguia terminar, ficava insegura quando ele ia embora, o que pode ser fruto da experiência da coletividade, em que ela só se reconhece a partir da relação com o outro, já que dentro de casa nunca houve uma diferenciação (Lowen, 1977).

Os pais se separaram quando ela tinha quinze anos. No ano anterior ela tinha ido estudar línguas e etiquetas na Suíça, disse que voltou sonhando que ia estar tudo bem em casa, com os pais, e as irmãs, mas quando ela chegou viu que as coisas estavam piores do que eram antes de ela ir viajar, que os pais não se falavam mais. Há uma internalização de uma família ideal, mas infelizmente muito diferente da realidade. Conta que conversou muito com a mãe para que ela se separasse do pai, quando aconteceu ela diz que achou ótimo. Porém, pode-se notar uma inversão de papéis, onde ela cuida da mãe e de certa forma há uma sobrecarga porque este papel de apoiar a separação não é um papel que cabe aos filhos, ela fica no meio do desentendimento conjugal. Importante lembrar que esta é uma fase onde há uma reedição do Édipo, momento em que o pai sai de casa (Lowen, 1977).

Quando descobriu que o pai tinha uma amante, com a qual teve o filho que ele queria, ela não reagiu da mesma forma, ficou um ano sem falar com o pai, mas diz que com o tempo passou. O pai que era rígido e cheio de valores tradicionais acabou tornando-se imoral, além de aparecer o irmão. Na entrevista ela não fala muito de sua relação com o irmão, ele também é bem mais novo, mas acredita-se que não foi fácil para ela lidar com a presença deste irmão, enfatizando também que ela relata ter internalizado o “ser menino”, e por isto acabou fazendo engenharia como o pai e tendo vários outros comportamentos mais masculinos que agradassem o pai na tentativa de ser aceita e de se aproximar (Lowen, 1982).

Com vinte e um anos quando terminou com o namorado ela diz que: *“Depois dele eu fiquei um ano solteira, aí eu tirei a forra a sexualidade aí eu saía com quem aparecia, o pensamento que eu tinha era: Pelo amor de Deus, eu tenho que descobrir o que é isto. Sexo não pode ser isto. Que por um lado foi bom e por outro foi uma merda porque até parece que você descobre o que é sexo assim, mas pelo menos eu*

experimentei.” (sic) Ao longo da entrevista ela observa que estes “casos” rápidos incluíam relação sexual, mas não havia afeto; na época ela fala que acreditava estar apaixonada, mas depois de alguns dias ela mesma via que não tinha nada a ver. Foi uma fase de experimentação, mas havia uma moral intrínseca, pois ela justificava dizendo que estava apaixonada. Este se caracteriza como um comportamento tipicamente histérico, a mulher histérica não consegue ter envolvimento sexual e sentimentos ternos pela mesma pessoa (Lowen, 1977).

Paralelamente a isto ela cursava a faculdade de engenharia que se caracteriza por ser um mundo extremamente masculino, que ela descreve como “...*eu era uma ET, que eu entrava e saía e não falava com ninguém, porque eu achava que todo mundo ia querer me comer...*” (sic) “*Então eu era totalmente na defensiva e eu namorava, nos primeiros três anos eu namorava o M., então eu era uma débil mental completa, não falava: A, para ninguém.*” (sic) A histérica tem uma tendência a enxergar todos os homens como possíveis predadores, pois ela tem uma característica sexual em seus gestos, mas quando se sente ameaçada ela recua. O que é uma outra forma de defesa diferente da agressividade. Nos últimos anos da faculdade, quando ela não namorava, relata que deixou de ser tão estudiosa e começou a sair um pouco, mas não fala de mudanças em relação aos homens de sua classe (Lowen, 1977).

O fato de ela ter feito faculdade de engenharia remete à profissão do pai, o que pode estar ligado ao Complexo de Édipo, como já foi dito anteriormente, como uma tentativa de aproximar-se do pai, de ser amada e de ser aceita (Lowen, 1982).

Quando começou a trabalhar nas obras lembra que “*eu era um homem, era um cavalo. Eu era super macho, primeiro que eu acordava e tinha que me “enfiar”, enfiava uma botina, um camisão, prendia o cabelo. Eu tinha um pedaço do armário que era pra ir na obra.*” (sic) nota-se que ela adquiriu muitas características masculinas, o que remete mais uma vez na tentativa de agradar o pai que queria um filho homem. Fora da obra nesta época ela não lembra como era (Lowen, 1982).

Quando conheceu F. seu primeiro marido ela conta que começou a ficar mais feminina, o relacionamento pode ter despertado sua feminilidade. Logo depois parou de trabalhar com engenharia, porque viu que não havia realização com este trabalho e começou a trabalhar com eventos, onde o ambiente como ela mesma relata é muito diferente das obras, mais alegre, sociável. Neste momento começou a se vestir de forma diferente, começou a se preocupar mais com a imagem, ficar mais feminina. A. percebe que na época não se via como uma mulher sensual, que chamava a atenção, mas hoje

sabe que era isto o que acontecia. Conta que percebia, mas não sabia dar o nome. As mulheres de caráter histérico não reconhecem seu comportamento sexual óbvio, que está inserido em suas atitudes, ao tomarem consciência disto muitas vezes não concordam ou não se reconhecem desta maneira. *“Eu tinha momentos muito desinibida, que acho que foi quando eu estava segura, então eu falava, era espalhafatosa... Estou charmosa, mas alguns momentos que eu tinha que falar alguma coisa, eu ficava travada.”* (sic) *“Fazer muita graça, pavão, é muito fácil, na hora de falar o que você esta sentindo e se expor, travou.”* (sic) Junto com a sedução e o coquete da histeria aparece uma timidez, a histérica sabe lidar muito bem com situações em que ela exhibe o corpo, a sensualidade, mas não sabe lidar com sentimentos. A timidez aparece como uma proteção contra a exposição dos sentimentos. Ela tem medo de mostrar o que tem no coração (Lowen, 1977).

O casamento e namoro com F. são marcados por muitas brigas, ela conta que depois que casaram continuavam brigando, mas tinham um acordo de continuar juntos, as desavenças aconteciam por qualquer motivo. Ela o descreve como: *“O Fabio também era um cara duro, seco, mais para o agressivo, nada acolhedor, então eu na verdade eu sei hoje que minha agressividade vem como uma defesa na hora que eu to me sentindo abandonada e preciso de colo e ele não podia dar colo, nunca deu na vida, nunca vai dar.”* (sic) Há uma grande similaridade entre ele e o pai, além de exercerem a mesma profissão, ela relata que havia uma repetição da relação dos pais, diz que viveram anos juntos, mas sem intimidade, não havia espaço para falar das necessidades, dos sentimentos, fala que eles viveram sempre focados nas atividades que desenvolviam como sair para jantar, viajar no fim de semana, mas sem aprofundar a relação (Lipovetsky, 2005). A. lembra que a vida sexual deles era ótima, e ela mesma ressalta que acredita que foi isto que fez com que eles ficassem tanto tempo juntos. Mais uma vez a histeria se apresenta tanto na agressividade como forma de defesa ao submeter-se, ao envolver-se, ao ceder e também na falta de envolvimento, o sexo estava presente, mas não há uma profundidade no envolvimento (Lowen, 1977).

Os dois casaram no papel por uma vontade do pai de F. que estava doente, o que denota um não envolvimento, não foi uma iniciativa deles. Ela faz algo para atender à expectativa do outro, não sabe fazer escolhas, desde pequena há alguém que faça por ela (Lipovetsky, 2005).

A vontade de se separar surgiu quando F. quis ter filhos, A. começou a refletir sobre o futuro da relação que já não era boa. Chegou a fazer uma inseminação artificial,

mas lembra que foi muito invasivo e foi o momento que ela percebeu que não queria mais. Diz que estava fazendo seu papel de esposa, reproduzindo mais uma vez o modelo de relação dos pais que havia introjetado e o de mulher submissa que atende aos desejos do marido, como a mãe. Não podia abrir-se para seus desejos e lutar por eles. Conta que foi difícil, que ambos sofreram, mas fala que a frustração se deu também porque fez planos de viverem juntos, construir uma família (Erikson, 1976).

A. ficou quatro anos sozinha. Conta que nesta época começou um processo de auto-conhecimento através de meditação, yoga, retiros e terapia. Diz que ficou muito sozinha que se sentia perdida, ficava muito em casa, começou a cozinhar para ela mesma, perceber suas vontades, voltar para si mesma, tratar-se bem e a resgatar o feminino. Fala que *“E eu comecei a ter uma visão diferente do feminino nesta coisa de sair um pouco da histeria, sabe. Então, mesmo na roupa, esta coisa do salto alto. Descer do salto, literalmente. Comecei a comprar sapato mais baixo de novo, ficar com o pé no chão.”* (sic) O movimento de voltar para si faz com que A. perceba mais o que está sentindo, que possa apropriar-se de seus medos, respeitar seus sentimentos (Giddens, 1993).

A. iniciou a terapia no começo do namoro com F. porque diz ter percebido que não sabia se relacionar, em outro momento conta de sua relação com o terapeuta onde pode reeditar sua relação com o pai. Lembra que ficou com medo, que era como se estivesse indo encontrar o pai. A. nunca soube lidar com o olhar do outro quando saía do campo da sedução; fruto da relação coletiva que existia em casa, não aprendeu a ser olhada na sua subjetividade: *“Não tinha isso, então para mim era um medo, medo desse olhar do pai. Tudo que eu mais quero e tudo que eu morro de medo.”* (sic). Relata que com a terapia isso foi mudando, ela foi aprendendo a respeitar seus sentimentos, a se olhar e lidar melhor com o olhar do outro (Lowen, 1982).

Ressalva um marco de sua vida que foi o momento em que ela conversou com um homem com o qual estava saindo há oito meses; lembra que estava envolvida, porém, não acontecia o mesmo com ele. Lembra que se preparou em terapia para conversar com ele, que foi a primeira vez que ela conseguiu expor seus sentimentos de uma maneira verdadeira e respeitando a si mesma. Diz que aprendeu que a partir do momento que ela deu o devido valor ao que ela estava sentindo o outro também faz isto, passando a não ter vergonha (Giddens, 1993).

A relação com o atual marido mostra as grandes transformações de A., ela diz que com ele é muito carinhosa, que fala tudo que sente há bastante espaço para

expressar-se. A. lembra que o início da relação foi muito importante para que acontecesse de fato, diz que ele era totalmente aberto e seguro do que queria o que muitas vezes a deixava assustada. Fala que ele teve muita paciência com ela, que era muito atencioso, carinhoso e dava para ela o colo necessário para que ela se sentisse segura para se abrir. Conta que quando ela tinha “chilique” tentando recuar, ele tinha paciência de mostrar a ela que isto era medo, que estava tudo bem. Ela sente como se o testasse para perceber se ele sustentaria a situação. Conforme foi se sentindo segura com o acolhimento que recebia, foi podendo se abrir e se envolver profundamente (Giddens, 1993).

Há a combinação de sexo e amor pela mesma pessoa, mostrando que ela conseguiu entregar-se, apesar de ser um processo contínuo que ela mesma, reconhece. Conforme surgem novas situações o medo aparece novamente, porém hoje ela está sabendo lidar melhor com estas situações sozinha (Giddens, 1993).

VII Conclusão

A entrevista tem conteúdos muito ricos, pode-se dizer que isto se deve à profunda autoconsciência que A. tem de si mesma, fruto do seu processo de transformação e autoconhecimento. Muitas vezes ela mesma faz a análise do que se passou com ela em determinados momentos, deixa claro que na época não sabia o que estava acontecendo e não enxergava a vida e a si mesma como vê hoje. O que torna mais interessante a entrevista, sendo possível notar a influência do biológico, do psicológico e do social, que são responsáveis pela formação do caráter (Reich, 1998).

A entrevista teve um significado terapêutico muito forte para a entrevistada, é fácil perceber que serve como um facilitador no processo de tomar consciência de si e resgatar sua história. A. relata muitas vezes que descobriu várias “coisas” com a atividade, que podem ajudá-la em seu contínuo processo de transformação (Hime, 2004).

O relacionamento que A. teve com seu pai na infância influenciou todas suas relações com o masculino. Tipicamente histérica ela oferece o amor ao pai. Como ele rejeita, ela não tenta novamente reproduzindo isto nas suas relações. Antes de seu processo de transformação A. não conseguia entregar seu coração a nenhum de seus namorados, nem mesmo ao primeiro marido. É claro que A. fica com a estrutura de ego ancorada no Complexo de Édipo: ela procura o tempo todo agradar, se aproximar do pai. Faz engenharia, tenta ocupar o lugar do menino que ele tanto gostaria, toma cuidado para fazer sempre o que ele espera e não tomar críticas. Entretanto fica presa tentando atingir a expectativa do outro e se perde dela mesma, não consegue reconhecer o que sente, não sabe fazer escolhas, não sabe se respeitar (Lowen, 1977).

A mãe fica como um modelo extremamente negativo do feminino, era submissa, fraca, imatura. Não passa para ela a segurança de que ela necessitava e nem o colo de que ela gostaria, não a protege dos abusos do pai. Além da mãe, o próprio pai e o avô também desqualificam o feminino: o pai teve seis filhas porque queria um filho homem e o avô oferece uma casa a mãe caso ela desse um filho homem ao pai (Lowen, 1977).

Diante deste contexto ser mulher passa a ser uma tarefa árdua e vergonhosa, com isto ela tenta esconder as características que denotam sua feminilidade: começa a usar sutiã, fica menstruada pela primeira vez, perde a virgindade e não conta a ninguém. Esconde seu corpo e sua sensualidade atrás de roupas e atitudes masculinas, o que também era eficaz para que ela não se envolvesse (Lowen, 1977).

O namoro de cinco anos também representa uma defesa contra o apaixonar-se: fica cinco anos com um homem com quem sexo e sentimento eram insatisfatórios; reproduz a relação dos pais invertida, porque no caso era ela quem ficava no controle. Uma boa forma de se controlar é ter um namorado: não se procura outro, e se está com alguém de quem não se gosta e, portanto não se corre o risco de ceder, de submeter-se, típicos de uma histérica (Lowen, 1977).

A entrevista é rica, mas infelizmente não retrata o corpo de A., apesar de ela contar que sempre teve um controle rígido com a alimentação e com o corpo, mas pude ver que A. tem o pescoço esticado e duro, o queixo é saliente, e tem uma harmonia no corpo como um todo: um corpo tipicamente histérico. É uma mulher que tem uma presença forte; ela mesma diz que era sensual, que chamava a atenção e sabia lidar muito bem com isso. A sedução e o coquete são característicos da histérica e também a não consciência destes comportamentos; A. diz que ficou assustada quando soube disto, porém reconhece que percebia, mas não sabia nomear. A qualidade sexual e o flerte, embora inconscientes, são comuns na conduta de uma histérica, o que faz que ela veja os homens como predadores em potencial, porém recua quando se sente ameaçada e não percebe o significado de seus atos (Lowen, 1977).

Os relacionamentos anteriores ao último casamento, inclusive o primeiro, registram claramente a histeria de A.: se havia envolvimento emocional não havia sexo e se havia sexo não havia amor. A histérica não é capaz de dedicar os dois sentimentos à mesma pessoa. A agressividade estava sempre presente na forma de se relacionar, sendo uma grande defesa contra o medo de entregar-se. Era uma forma de manter as pessoas afastadas de seu coração. Os relacionamentos são razoavelmente íntimos, mas mantém-se alerta, o controle fica preso no pescoço e no queixo (Lowen, 1977).

O processo de transformação e auto-conhecimento permitiu que A. reeditasse as relações que tinha internalizado, podendo aprender a relacionar-se de outra forma. À medida que foi se conhecendo, foi podendo reconhecer suas vontades, seus desejos, fazer suas escolhas e se respeitar. A terapia feita com homem foi importante para que ela aprendesse a se relacionar de outra forma com o masculino, possibilitando a entrega. (Giddens, 1993).

O relacionamento com o marido atual ainda é cheio de medos, mas ela já sabe reconhecer quando isto está acontecendo. O colo e a segurança que o marido propiciou foram extremamente importantes para que ela se sentisse segura e pudesse se entregar (Giddens, 1993).

Além do processo biológico e psicológico percebe-se influências também do meio social. A. cresceu em uma família tradicional e conservadora, com um nível sócio econômico alto, que possibilitou que ela estudasse línguas e etiquetas na Suíça, para que pudesse manter a tradição e os valores da família. Quando se relacionava com homens, fala que tinha moral, que se relacionava com um de cada vez. O primeiro namorado vai viajar e ela conta para ele que beijou outro homem, mesmo que eles tivessem combinado que não estavam mais namorando (Gergen, 1992).

Além da educação dada em casa, a cultura social também influencia. A sociedade capitalista prega uma mulher mais independente, dona de si, a liberdade sexual permite que o sexo seja fonte de prazer carnal e não mais sinal de compromisso. A. experimenta vários parceiros com a intenção de descobrir o sexo em si, sem nenhum tipo de envolvimento. O imediatismo faz com que as pessoas tenham medo de se envolver em um relacionamento profundo, fazendo com que as relações fiquem superficiais e não haja intimidade. Pode-se dizer que foi o que ocorreu no primeiro casamento de A.: ela mesma ressalva que não havia intimidade, acredita que o relacionamento se manteve muito mais pelo sexo do que pelo amor (Gergen, 1992).

Entretanto, na contemporaneidade continua-se uma busca pelo amor que coexiste com encontros fugazes e sem envolvimento. Para que possa acontecer o amor é necessário que se desenvolva a intimidade, e estar preparado para estar vulnerável ao outro e suas necessidades (Giddens, 1993). Todavia o incerto é ameaçador, é necessário ter coragem de se envolver em uma sociedade que exclui o que não é hedonista (Lasch, 1983). Contudo pode-se notar que através de seu processo de autoconhecimento e transformação A. se sentiu suficientemente segura e acolhida para que pudesse se entregar e se envolver em uma relação profunda e sincera onde ela pôde combinar sexo e amor (Giddens, 1993).

O caráter como dito por Reich se forma pela oposição de desejos internos e forças externas, como os valores sociais. O caráter histórico descrito por Lowen e os valores que regem a sociedade contemporânea descritos no capítulo dois deste trabalho mostram que há um encaixe perfeito na forma de se relacionar entre ambos. Isto só reafirma o que Reich já havia dito: que o caráter representa o processo sociológico de uma determinada época e lugar congelado. Portanto pode-se concluir, sendo redundante com a afirmação de Reich, já que um não ocorre sem o outro, que a cultura que rege a sociedade contemporânea hoje pode influenciar a dinâmica de mulheres de caráter histórico (Reich, 1998).

VIII Considerações Finais

Para iniciar gostaria de ressaltar a dificuldade que encontrei para desenvolver meu trabalho desde a disciplina de seminários. Senti a falta de um professor que tivesse mais familiaridade com a linha reichiana. O número de trabalhos nesta área na universidade também é escasso, o que obsteve ainda mais a minha pesquisa.

No decorrer do trabalho percebi que a paciência e compreensão da minha supervisora, nos momentos em que a pesquisava ficava paralisada, foram essenciais para que eu pudesse superar minhas dificuldades.

Pude conhecer e me aprofundar a teoria de Wilhelm Reich em um curso extracurricular que fiz paralelamente a faculdade, durante três anos. Para mim a unicidade mente e corpo como forma de trabalho fez um sentido interno, o que fez com que eu me apaixonasse por esta linha e despertasse meu interesse para fazer minha pesquisa nesta área. Além disso, Reich resalta a importância dos valores sociais na subjetividade de cada um, que para mim também sempre foi uma área de grande interesse. Para efetuar minha pesquisa escolhi o caráter histórico, de acordo com a tipologia de Lowen, porque este é um caráter típico da mulher brasileira como um todo.

Quero ressaltar também a grande contribuição da participante, que descreveu com uma riqueza de detalhes e consciência de si mesmo os eventos significativos da sua vida. O que acabou facilitando muito a análise.

Com este trabalho pude vivenciar o que Reich e seus discípulos descrevem nos livros, pude constatar as influências do biológico, do psicológico e do social na formação do caráter de uma mulher identificada como histórica, mostrando uma das possibilidades dentre outras mil, da construção de uma subjetividade.

Referências Bibliográficas

- COSTA, J. F.** *Sem fraude nem favor – Estudo sobre o amor romântico*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999.
- DADOUN, R.** *Cem flores para Wilhelm Reich*, São Paulo, Moraes, 1991.
- ERIKSON, E.** *Identidade, juventude e crise*, Rio De Janeiro, Zahar, 1976.
- FENICHEL, O.** *The Psychoanalytic Theory of Neurosis*, New York, Norton, 1945.
- GERGEN, K. J.** *El yo saturado*, Barcelona, Ediciones Paidós, 1992.
- GIDDENS, A.** *A transformação da intimidade*, São Paulo, Unesp, 1993.
- GUBA, E. G. & LINCOLN, Y. S.** *Competing paradigms in qualitative research*. Em N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Orgs.) *Handbook of qualitative research* (pp.105 – 117), London, Sage Publications, 1994.
- HILTON, V. W.** *Reich, Lowen e o IIBA: enfrentando o desafio de um mundo dominado pelo conflito*, Em *Revista Clínica do Instituto Internacional de Análise Bioenergética*, Casa Amarela, V. 16, Libertas, 2006.
- HIME, F. A.** *A biografia feminina e a história das relações amorosas “O vôo da fênix”*, Tese de doutorado, Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.
- LASCH, C.** *A cultura do Narcisismo*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1983.
- LIPOVETSKY, G.** *Os tempos hipermodernos*, São Paulo, Barcarolla, 2005.
- LIPOVETSKY, G.** *A terceira mulher Permanência e revolução do feminino*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- LOWEN, A.** *O corpo em terapia*, São Paulo, Summus, 1977.
- LOWEN, A.** *Bioenergética*, São Paulo, Summus, 1982.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*, São Paulo, E. P. U., 1986.

MOON, S. M. *Family therapy and qualitative research*. *Journal of marital and family therapy*, 16 (4), pp. 357 – 373, 1990.

MURARO, R. M. *A mulher no terceiro milênio*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992.

RAPPAPORT, Clara Reina. *Temas Básicos de Psicologia. Teorias da Personalidade em Freud, Reich e Jung*, São Paulo, Pedagógica e Universitária Ltda, 1984.

REICH, W. *Análise do Caráter*, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

SILVA, J. R. O. *O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich*, Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2001.

WAGNER, C. M. *A transferência na vegetoterapia carátero – analítica*, Tese de doutorado, Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

Anexos

Termo de compromisso do pesquisador

Pesquisa: Título O caráter histórico e a dificuldade de entrega na sociedade contemporânea

Os pesquisadores, abaixo assinados, se comprometem a:

- atender os deveres institucionais básicos da honestidade; sinceridade; competência; da discricão.
- pesquisar adequada e independente, além de buscar aprimorar e promover o respeito à sua profissão .
- não fazer pesquisas que possam causar riscos não justificados às pessoas envolvidas;
- não violar as normas do consentimento informado;
- não converter recursos públicos em benefícios pessoais;
- não prejudicar seriamente o meio ambiente ou conter erros previsíveis ou evitáveis .
- comunicar ao possível sujeito todas as informações necessárias para um adequado consentimento informado;
- propiciar ao possível sujeito plena oportunidade e encorajamento para fazer perguntas;
- excluir a possibilidade de engano injustificado, influência indevida e intimidação;
- solicitar o consentimento apenas quando o possível sujeito tenha conhecimento adequado dos fatos relevantes e das conseqüências de sua participação e tenha tido oportunidade suficiente para considerar se quer participar;
- obter de cada possível sujeito um documento assinado como evidência do consentimento informado, e
- renovar o consentimento informado de cada sujeito se houver alterações nas condições ou procedimentos da pesquisa

São Paulo,.....de.....de.....

Pesquisador responsável

orientador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, R.G.: _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) na pesquisa de campo referente ao projeto intitulado O caráter histórico e a dificuldade de entrega na sociedade contemporânea desenvolvido pela Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Fui informado, ainda, que a pesquisa é orientada pela Profa. Flavia Hime, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº 3670.8320 ou e-mail psicopuc@pucsp.br

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo que em linhas gerais é uma pesquisa acerca da subjetividade do indivíduo que se insere no contexto do esporte de alto rendimento.

Fui também esclarecido de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e/ou sua orientadora.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado, poderei contatar o(a) pesquisador(a) responsável [ou seu orientador], ou ainda o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP – PUC-SP), situado na Rua Ministro de Godoy, 969 – Térreo, Perdizes, São Paulo (SP), CEP: 05015-000, Telefone: 3670.8466.

O(a) pesquisador(a) principal do estudo me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse estudo a qualquer momento, sem prejuízo, quaisquer sanções ou constrangimentos.

São Paulo, ____ de _____ de 2007.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) responsável: _____ -